

**JOSÉ STECHMAN NETO**

**A AVALIAÇÃO DO ALUNO DO CURSO DE ODONTOLOGIA NA  
CLÍNICA INTEGRADA**

**MESTRADO EM EDUCAÇÃO  
PUC - PUC**

**CURITIBA  
1998**

**JOSÉ STECHMAN NETO**

**A AVALIAÇÃO DO ALUNO DO CURSO DE ODONTOLOGIA  
NA CLÍNICA INTEGRADA**

Dissertação apresentada à Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação da prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Zélia Milléo Pavão.

**CURITIBA  
1998**



PUC PR

Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
Centro de Teologia e Ciências Humanas  
Departamento de Educação  
Mestrado em Educação

## ATA DO EXAME DA DISSERTAÇÃO

Exame de Dissertação n.º 108

No dia **20 de maio de 1998**, às **8h**, reuniu-se a Banca Examinadora, composta pelos seguintes professores:

MEMBROS DA BANCA	ASSINATURA
Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Zelia Milléo Pavão	
Prof. Dr. Gilson Blitzkow Sydney	
Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Lilian Anna Wachowicz	

designada para a Exame de Dissertação do mestrando **José Stechman Neto**, ano de ingresso 1995, do Programa de Pós-Graduação em Educação, Nível de Mestrado, intitulada **A AVALIAÇÃO DO ALUNO DO CURSO DE ODONTOLOGIA NA CLÍNICA INTEGRADA**.

Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Zelia Milléo Pavão	Conceito <u>  A  </u>
Prof. Dr. Gilson Blitzkow Sydney	Conceito <u>  A  </u>
Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Lilian Anna Wachowicz	Conceito <u>  A  </u>
	<b>Conceito Final</b> <u>  A  </u>

Observações: A Banca Examinadora sugere a publicação da dissertação sob forma de artigos.

**Prof. Dr. Peri Mesquita**  
Coord. do Curso de Mestrado em Educação

## SUMÁRIO

RESUMO .....	iv
1. INTRODUÇÃO .....	01
1.1 - APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA .....	04
1.2 - JUSTIFICATIVA .....	06
1.3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	08
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	10
2.1- A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DE ENSINO SUPERIOR .....	10
2.2 - A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DE ODONTOLOGIA .....	24
2.2.1 - Mas o que leva a este enfoque? .....	37
2.3 - A AVALIAÇÃO NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO .....	42
2.3.1 - Questionando a Avaliação .....	51
2.3.2 - A Avaliação Necessária .....	53
3. A CLÍNICA INTEGRADA NO CURRÍCULO DE FORMAÇÃO DO ODONTÓLOGO .....	59
3.1 - O PAPEL DA CLÍNICA INTEGRADA E A REALIDADE ATUAL .....	59
3.1.1 - Normas de Procedimento .....	60
3.1.2 - Conteúdo Programático .....	60
3.1.3 - Desenvolvimento de Habilidades Profissionais .....	61
3.1.4 - Conduta Ética .....	61
3.1.5 - Objetivos Gerais .....	62



3.1.6 - Supervisão do Estágio .....	63
3.1.7 - A Avaliação na Clínica Integrada .....	65
3.2 - A CLÍNICA INTEGRADA SOB O PONTO DE VISTA TEÓRICO .....	68
3.2.1 - O Estágio Curricular .....	70
4. MATERIAIS E MÉTODOS .....	77
4.1 - DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA REALIDADE .....	79
4.2 - LEVANTAMENTO DOS DADOS .....	80
4.2 - SÍNTESE .....	96
5. PROPOSTA .....	98
CONCLUSÃO .....	105
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	107
ANEXOS .....	111

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal analisar a avaliação realizada na Clínica Integrada do Curso de Odontologia da Universidade Tuiuti do Paraná - UTP, tendo por princípio o humanismo que deve permear as atividades do cirurgião dentista e tendo em vista a necessidade de melhoria da saúde bucal da população frente ao Terceiro Milênio que se aproxima. Para isso, enfoca primeiramente, a formação necessária para o profissional de ensino superior como um todo, e mais especificamente, a formação do odontólogo. Em seguida, versa sobre a avaliação necessária ao contexto universitário, incluindo um questionamento sobre a avaliação realizada nos dias atuais e uma perspectiva sobre a avaliação necessária para atingir a qualidade no ensino. Expõe o papel da Clínica Integrada na formação do odontólogo, a realidade dessa atividade no Curso de Odontologia da UTP, a necessidade de realização de estágio para alunos em conclusão de curso superior de um modo geral e de odontologia especificamente, bem como a avaliação das atividades dos alunos que compõem a Clínica Integrada, para que o ensino possa atingir a qualidade e o futuro profissional encontre confiança suficiente para iniciar sua profissão dentro de princípios sociais e humanos.

## 1. INTRODUÇÃO

Avaliar é uma preocupação indissociável do ser humano. Processo natural, face à observação das diferenças, a avaliação permeia o nosso dia-a-dia como parte do contínuo e compulsivo questionamento da realidade pelo homem, vivente incansável na busca de respostas.

No universo educacional, a avaliação se sobressai como um desafio maiúsculo, nem sempre enfrentado com competência pelo educador, parte de um conjunto e não o seu complemento. Percebida em sentido amplo ou atrelada ao ensino-aprendizagem, essa matéria consegue ser tão relevante quanto complexa.

Servindo-se dos pressupostos epistemológicos da avaliação educacional como suporte para o entendimento e a construção da prática, é possível encaminhar não uma, mas muitas discussões sobre a presença e o formato do ato de avaliar no cotidiano pedagógico.

A avaliação dos alunos do último ano do Curso de Odontologia é um dos objetos deste trabalho. Nessa etapa o futuro profissional utiliza, na prática com pacientes, os conteúdos obtidos durante os quatro primeiros anos do referido curso, de forma integrada, freqüentando a Clínica Integrada.

A grande preocupação, deve-se ao fato de se estar avaliando um futuro profissional, preste a ingressar em um mercado de trabalho, onde o "produto" é o *ser humano*.

Muitas vezes depara-se na chamada "*Clinica Integrada*" com alunos com bom conhecimento teórico-científico, mas, ao mesmo tempo, sem nenhuma habilidade; outras vezes, o aluno possuiu uma grande habilidade técnica e pouco conteúdo teórico-científico, mesmo já tendo obtido aprovação nas disciplinas anteriores, que são consideradas pré-requisitos para o último ano de curso.

Poder-se-ia propor uma alteração curricular nas Faculdades de Odontologia, mas isto demandaria em muito tempo até a sua implantação, para, diante de um futuro ainda mais distante, obter os resultados esperados. Enquanto se fariam as alterações curriculares os cirurgiões-dentistas continuariam sendo formados para exercerem a sua profissão. Entende-se que é preciso ter mecanismos adequados para que se possa imediatamente obter parâmetros menos subjetivos para avaliar estes profissionais. Como afirma ISSA, "*Julga-se que as falhas da educação podem ser sanadas com a introdução de uma nova disciplina na currículo.*"

A educação brasileira trata da mesma forma o ensino da teoria científica e da prática técnica. Ambas são ensinadas muito mais como informação não havendo necessidade de habilidades específicas. Daí surge a pergunta: Como avaliar um futuro profissional, quando o referencial é apenas a prática técnica odontológica?

No nosso sistema educacional, mesmo tratando-se de uma profissão na qual o seu exercício é eminentemente técnico-prático, todas as atividades docentes e pensamento discentes estão voltadas para a resolução de *provas* com o intuito de:



- promoção do aluno;
- promoção da instituição;
- satisfação à sociedade;

Ora, estamos diante de futuros cirurgiões dentistas onde a nossa preocupação não deveria se ater a isso, e sim, que estes profissionais estejam aptos para tratar da saúde bucal de um paciente, observando-o como um todo e não em seguimentos.

Aqui cabe um parênteses. Os cursos de odontologia são teórico-práticos. Nos dois primeiros anos o aluno tem disciplinas do chamado ciclo básico. Após o segundo ano, passa a ter práticas laboratoriais e práticas ambulatoriais com atuação em pacientes sob a supervisão direta dos professores. Mas a sua avaliação é centrada no aprendizado da teoria. Nesse instante o aluno está mais preocupado com os centésimos da nota para a resolução da prova, visto que a parte prática é bastante subjetiva, pois com quais parâmetros, com quais protocolos os professores avaliam corretamente a prática do aluno?

No último ano do curso, objeto deste estudo, os professores dão ênfase a prática do aluno, uma vez que eles freqüentam normalmente apenas a "Clínica Integrada", onde irão reunir todas as práticas e conteúdos que tiveram durante os quatro primeiros anos do curso. Tem-se novamente um questionamento: Como o aluno é avaliado nesse período? Eles foram aprovados em todas as disciplinas anteriores. Está-se julgando os professores que os aprovaram ou efetivamente avaliando as condições do aluno para enfrentar o mercado de trabalho, dar

atendimento a um semelhante? Deve-se estar cientes de que o processo de avaliação de um aluno é um meio e não um fim em si mesmo.

Contribuindo para ampliar o debate, com o intuito de levantar novas ou reforçar velhas questões, este texto pretende constituir-se numa reflexão sobre a ação avaliativa, seus fundamentos e a prática dos futuros cirurgiões-dentistas.

## 1.1 - APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

Nas últimas décadas, houve um grande desenvolvimento tecnológico na área da Odontologia, passando esta ciência a ser conhecida não mais como uma "mutiladora" de dentes, para transformar-se em uma profissão na qual os cuidados com a saúde oral passaram a ter um perfil preventivo e conservador.

Evoluiu o paradigma da odontologia mas a população não acompanhou tal evolução, continuando a procurar o cirurgião-dentista com um intuito de "tratar os dentes", mas encontrando uma barreira frente aos custos do tratamento.

Constata-se assim que, apesar do aumento do número de cirurgiões-dentistas em atividade, do avanço tecnológico, cada vez mais os profissionais da área estão distanciados da realidade da população.

No último ano do curso o enfoque é holístico, vê-se o aluno como um todo, não apenas dentro das especialidades odontológicas, estimulando e imprimindo um caráter mais universal, para que pelo menos os alunos tenham preocupações de que quando receberem o seu diploma, não sejam somente odontólogos, mas principalmente **homens**.



Entende-se que para uma melhor formação dos alunos dos cursos de odontologia as avaliações deveriam ser feitas tendo em mente uma visão ética do ser humano, acrescentando-se uma avaliação ética dos odontólogos com vistas a maximização social da Odontologia.

Apresenta-se bastante claro o problema: Como avaliar os alunos no último ano do curso de odontologia, já que até este momento eles foram avaliados mais pelas suas habilidades técnicas e conhecimento específico do que pela visão geral da profissão?

É oportuno aqui lembrar que fazer um professor sem qualquer fundamentação e preparação do mister, ou melhor dizendo, improvisar-se professor faz parte da realidade escolar, notadamente no âmbito do ensino superior, pois não há exigências legais a não ser o diploma de graduação. No complexo da avaliação esse despreparo é ainda mais gritante.

Todos esse fatores reforçam a necessidade premente de ampliar e aprofundar o questionamento da avaliação tal qual é concebida e praticada, principalmente quando se avalia profissionais que podem colocar em risco a vida de um ser humano.

## 1.2 - JUSTIFICATIVA

*“ É muito difícil educar aqueles que não amamos de fato ”*

Theodore Hesburgh

Inicialmente é preciso saber quais as características do estudante universitário na atualidade, o que ele almeja do curso que escolheu e como as universidades podem responder a isso.

Para ALVAREZ, o estudante universitário é jovem, com idade entre 18 e 25 anos e tem as seguintes características:

- emocionalmente imaturo e inseguro, mas sumamente cioso da pessoa adulta completa que aspira ser;
- extraordinariamente suscetível e com reações violentas contra quem pretende roubar-lhe essas prerrogativas;
- mostra-se “ao contrário, generoso e franco para quem demonstrar respeito por ele”;
- grande capacidade de entusiasmo e que pode tomar dois rumos:
  - aplicar-se aos estudos;
  - desviar-se para outros problemas de maior ou menor importância.

LARROYO, citado por Nérici (1973), afirma que a formação técnico-liberal compreende obrigatoriamente:

- formação científica, para saber as causas e efeitos da sua ação profissional;
- formação técnica, para saber dos recursos científicos e a sua aplicação, para maior eficiência no seu trabalho;
- formação ambiental, para conhecer o meio em que vai atuar;
- formação cultural, para compreender a posição e o significado da sua atividade, no conjunto de todas as atividades humanas;
- formação econômica e social, para ter noção do valor do seu trabalho, em sentido pessoal e da comunidade, bem como saber como orientar-se, responsabilmente, com relação a comunidade, quanto **ao exercício da sua profissão.**

Parece claro existir dicotomia entre o que os estudantes esperam de um curso de graduação e o que deve ser a sua formação.

Hoje, a velocidade de transformação da sociedade ocorre com muita intensidade e rapidez. Por isso, deve-se unir reflexão/ação e humanismo/tecnologia pois o mundo atual não permite mais dúvidas e indecisões por parte do ensino universitário para a formação do jovem atual, sob pena de deixarem de fazer parte da vanguarda mundial. Vê-se cada vez mais, empresas líderes em tecnologia, formando seus “pensadores” dentro da própria empresa, “com total liberdade de ação e criação”, características que devem ser das universidades, para poder formar o jovem da atualidade, com capacidade de reflexão e visão da universalidade, que só quem não está necessitando concorrer no mercado global pode oferecer.

Assim, a educação que deve ser oferecida ao estudante universitário deve conter uma formação cultural, humanística, técnica e ética.

### 1.3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para tornar possível o desenvolvimento deste trabalho, procurou-se inicialmente, um referencial teórico sobre a formação necessária ao profissional de ensino superior e, mais especificamente, dos odontólogos, bem como dos quesitos da avaliação, na tentativa de situar o ensino odontológico dentro da universalidade.

Em um segundo momento, foi desenvolvido um trabalho de pesquisa aplicando instrumento de "check-list" com os alunos e professores do último ano do curso de odontologia da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP) em Curitiba.

Em um terceiro momento, foi proposto um instrumento de avaliação para a Clínica Integrada dos Cursos de Odontologia.

A adoção do questionário como instrumento de coleta de dados deste estudo mostrou-se mais adequado como encaminhamento metodológico, tendo em vista a necessidade de realizar a pesquisa junto a uma classe de alunos e professores. Considerando o interesse em colher a perspectiva do aluno e do professor com maior vivência do processo avaliativo na universidade, optou-se pela aplicação do questionário a estudantes e professores da última série.

O instrumento de coleta dos alunos constou de seis questões centrais, cinco fechadas e uma aberta (Anexo 1).

O instrumento de coleta dos professores constou de cinco questões centrais, quatro fechadas e uma aberta (Anexo II).

## 2.1 - A FUS

### 2.1.1 - A FUS

#### 2.1.1.1 - A FUS

#### 2.1.1.2 - A FUS

#### 2.1.1.3 - A FUS

#### 2.1.1.4 - A FUS

#### 2.1.1.5 - A FUS

#### 2.1.1.6 - A FUS

#### 2.1.1.7 - A FUS

#### 2.1.1.8 - A FUS

#### 2.1.1.9 - A FUS

#### 2.1.1.10 - A FUS

#### 2.1.1.11 - A FUS

#### 2.1.1.12 - A FUS

#### 2.1.1.13 - A FUS

#### 2.1.1.14 - A FUS

#### 2.1.1.15 - A FUS

#### 2.1.1.16 - A FUS

#### 2.1.1.17 - A FUS

#### 2.1.1.18 - A FUS

#### 2.1.1.19 - A FUS

#### 2.1.1.20 - A FUS



## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 - A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DE ENSINO SUPERIOR

A formação do profissional de ensino superior requer uma educação com qualidade, voltada para a contemporaneidade e, para isso, é imprescindível a ação do professor. Por isso, faz-se necessário verificar a ação didática e o processo de ensino, sem os quais não haverá nenhuma formação profissional.

Primeiramente, é preciso que o professor, em sua prática, saiba situar-se no seu tempo: um tempo moderno, que exige conhecimentos concretos, construídos em sala de aula; o qual, ao mesmo tempo que deve resgatar valores um tanto esquecidos, deve ainda atender as ansiedades e expectativas do cotidiano humano.

Assim, a primeira qualidade que se impõem a um professor é ser crítico de si mesmo, pensando e repensando sua ação que deve ser democrática, tendo como parâmetro a responsabilidade de formar profissionais competentes para a sociedade contemporânea, comprometido com o ser humano/cidadão, que deve ser emancipado via educação, despertando nele a criatividade para enfrentar a modernidade.

A competência técnica é inquestionável para a prática docente. Mas à técnica, deve ser acompanhada de amor, de doação ao ato de educar e por isso, não pode tornar-se mecânica pois a cada situação, exige nova técnica. Por competência técnica, MELLO entende:



*... em primeiro lugar, o domínio adequado do saber escolar a ser transmitido, juntamente com a habilidade de organizar e transmitir esse saber de modo a garantir que ele seja efetivamente apropriado pelo aluno. Em segundo lugar, uma visão relativamente integrada e articulada dos aspectos relevantes mais imediatos de sua própria prática, ou seja, um entendimento das múltiplas relações entre os vários aspectos da escola [...]. Em terceiro lugar, uma compreensão das relações entre o preparo técnico que recebeu, a organização da escola e os resultados de sua ação. Em quarto lugar, uma compreensão mais ampla das relações entre a escola e a sociedade... (Apud SAVIANI, 1995, p. 34).*

Essa visão de competência técnica dada por MELLO, não é reduzida a atitudes tecnicistas que se limitam à formação técnica do aluno, pois prevê a compreensão das relações entre a escola e a sociedade, que deriva de um compromisso político com a contemporaneidade, entendendo suas contradições, seus movimentos, preparando o homem para a superação das dificuldades objetivas da vida, com coragem suficiente para assumir novos posicionamentos.

Na competência técnica estão embutidos o saber e o saber fazer, isto é, não adianta o professor ter domínio sobre o conteúdo, é preciso saber levar o conteúdo ao aluno, criando novas formas de transmitir conhecimentos e ter vontade de fazê-lo, unindo a modernidade (tecnologias) com os sistemas de interação cognitiva.

A competência técnica deve ser vista como mediadora entre o ensinar e o aprender, permitindo uma transformação desse saber apreendido pelo aluno. É uma ação concreta, na qual ela se situa como um instrumento de transformação. Neste sentido, a ação do professor deve ser entendida como um trabalho de educação de consciências. Não pode pois, significar simplesmente a maneira correta de se executar uma tarefa. Deve compreender o domínio do conhecimento, o domínio das formas adequadas de agir, o saber-fazer, o perceber os obstáculos para que a ação tenha competência para a transformação. *"... a sociedade necessita de universidade*

que não se limita a encontrar pequenas respostas, mas que formule grandes novas perguntas”, afirma BUARQUE (Apud VAHL, 1989, p. 329). Isso só se conseguirá educando consciências.

Mas competência técnica é ainda perceber o real e o possível, e saber transformar a técnica em ciência, juntando a ela uma concepção humanista histórica, sem a qual não é possível transformar para a fraternidade, para a solidariedade e para a ética.

Perceber o real e o possível, é saber escolher a ação, dentro da exegüibilidade no espaço da escola, em relação à sociedade, enfrentando o desafio do cotidiano moderno, deixando de lado técnicas seculares como a exigência de memorização. O saber fazer implica um professor com a primeira qualidade acima explicitada: crítico de si mesmo.

Assim, “o ato de produzir, diretamente e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens”, apontada por SAVIANI como a especificidade da educação, requer a competência técnica assim entendida. Acrescenta-se a isso, uma imprescindível comunicabilidade do professor, ou, como diz ASSMANN (1996), “um agir comunicativo”, sem o qual não há competência técnica. Sem tal competência, forma-se apenas pretensos eruditos e não sujeitos críticos, dotados de autonomia de aprendizagem.

Na sociedade atual, a educação DEVE assumir um papel de ponta e para isso é preciso que o professor tenha a competência técnica, uma concepção humanista da educação e comunicabilidade. Assim, necessário se faz refletir como ele deve ser formado e delimitar o seu campo de ação.



Para KINCHELOE (1977, p. 14), ensinar, aprender e pensar não são conceitos genéricos “... como calças de poliéster elásticas, um só estilo e tamanho serve para todos”. Ensinar, aprender e pensar são ações que dependem de cada indivíduo singular, cuja identidade se estrutura pelas forças culturais de raça, classe, gênero e local. Assim, é preciso que o professor tenha uma prática docente que implique na transferência do seu conhecimento para o aluno, com o propósito de transformação de melhoria da forma de pensar em direção à cidadania, ao mesmo tempo que desperta no aluno o prazer de aprender. “*Não há máquina que substitua o professor — e quando isso ocorre, é porque o professor merece*”, afirma SEABRA (1994, p. 80). Máquinas não ensinam a pensar. É preciso um ser pensante para que outros seres pensantes possam aprender.

O professor deve conhecer o sentido de ensinar, ensinar a pensar, a cooperar, a comunicar-se, a liberar-se, a criticar, a pesquisar, a unir ciência e técnica tão necessárias para atender a exigências da sociedade. Aprender a aprender e saber pensar para interagir de modo inovador são as habilidades necessárias para um profissional atuar.

A ação didática deve privilegiar o pensamento, deve ser uma ação, que não caiba a conformidade, o ajustamento ideológico. Ao explicar uma teoria o professor deve ter a responsabilidade de abrir o significado à interpretação própria do aluno, para que ele capte de maneira singular, o seu poder explanatório, sua dimensão epistemológica e suas implicações políticas. É papel da escola preparar seus alunos para o mundo profissional e o mercado de trabalho está a exigir um cidadão capacitado tecnicamente mas a sociedade exige um cidadão capaz de compreender os significados da vida. Os caminhos para aprender a teoria são originais. É

extremamente importante habilitar o aluno “... *para desenvolver estratégias de pesquisa que explorem a gênese e a eficácia de pressupostos confortáveis e objetivos implícitos*”, afirma SCHON (Apud KINCHELOE, p. 32).

A ação didática deve estar voltada para um professor-pesquisador que questiona a natureza do seu próprio pensar ao repassar o seu próprio conhecimento ao aluno, para torná-lo livre. Deve buscar modos de pensar que transcendam a habilidade operacional formal para formular conclusões abstratas, entender as relações de causa e efeito e empregar o método científico tradicional para explicar a realidade. No caso do Brasil, esta realidade é marcada pela exclusão, carente, portanto, de novos modos de pensar a educação.

A ação didática deve ser conduzida de tal forma que consiga levar os professores a desengajar-se dos “... *pressupostos tácitos das práticas discursivas e relações de poder para exercer maior controle consciente sobre suas vidas diárias que os modos psicológicos falham em perseguir* (KINCHELOE, p. 32). Nos dias atuais, um desses pressupostos é a qualidade total, uma qualidade apenas técnica, que não abrange aspectos de cidadania e ética, limitando o agir pedagógico, transformando o todo em partes.

O esforço ético do professor deve ser conduzido pela sua habilidade de raciocinar, de modo a eliminar as diferenças, concretizando ações que conduzam à ética. FERGUSON (1992, p. 270), afirma que “*Milhões de pais se sentem desencantados com a educação convencional, alguns porque seus filhos não estão sequer adquirindo alfabetização, alguns porque as escolas são desumanizantes*”. Não é diferente na universidade. Sem eliminar as diferenças ela é desumanizante e, por consequência, anti ética.



Assim, o professor deve ensinar o seu aluno a questionar suas próprias consciências, levando-o a uma nova maneira de pensar que implique numa transformação pessoal que tenha como consequência a transformação social que eleva o padrão de vida de toda a população. *“O aluno deve ser encorajado a estar atento e autônomo, indagar, explorar todos os cantos e frestas da experiência consciente, procurar significado, testar os limites exteriores, verificar as fronteiras e as profundidades do próprio eu”* (FERGUSON, 1992, p. 272). Isto é educar para a ética.

Isso implica uma formação com o objetivo de pensamento — o pensar como uma atividade social — que requer o pensamento crítico. Tal pensamento deve ser capaz de superar esquemas já impregnados em nossa sociedade, como os princípios do taylorismo e do fordismo, que indicam sempre a qualidade técnica, sem pensar na qualidade de vida do ser humano. Educando o pensamento, *“O educando transforma o estímulo, ordenando-o e tornando a ordená-lo, criando coerência”*, afirma FERGUSON (p. 276).

Segundo KINCHELOE, *“... o pensamento crítico se movimenta numa direção emancipatória, com um senso onipresente de autoconsciência”* (p. 36). Ser autoconsciente é enxergar a sociedade livre, é fazer da educação um caminho para a liberdade, é compreender que o pensar e o agir são indissociáveis. Não há como ignorar os princípios capitalistas que estão a direcionar o agir humano. Por isso é necessário que os cursos superiores, consigam desvencilhar-se de tais princípios para formar um profissional capaz de pensar criticamente sobre os reais valores humanos, necessários à emancipação.

*“Para os professores pensarem de uma maneira emancipatória é preciso ações fortalecidas — atitudes que contribuam para o maior interesse dos estudantes, membros da comunidade e outros professores, assim como condutas que os habilitem para empregar sua inteligência ética”* (op. cit., p. 36). Percebe-se aqui, a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e extensão, nas quais deve existir uma ação fortalecida que conduzam à emancipação do pensamento. A extensão, traz a realidade para dentro da universidade, sugerindo temas para novas pesquisas, ao mesmo tempo que conduz o ensino para o verdadeiramente necessário. É por meio desses três vértices que se conseguirá preparar um profissional, capaz de se adaptar às mudanças.

A ação didática deve ser então concebida como um processo em construção, que a cada nova informação vai se modificando. Ao mesmo tempo, se caracteriza como uma atividade psicológica e social, contextualizada à contemporaneidade e suas necessidades.

O pensamento é uma atividade social porque determina a ação que transforma. Para KINCHELOE, *“O pensar é sempre a maior estratégia na batalha cultural”* (p. 37). No professor, pensar é levar o aluno a fazer escolhas críticas, a refletir, a dizer não quando é preciso ou sim quando for o caso.

O novo paradigma do professor é então ensinar a pensar. O mundo atual, caracterizado pela competitividade, tem levado as pessoas a pensarem apenas em si mesmas, a uma visão restrita de homem e de mundo, a uma visão quantitativa da sociedade. Neste paradigma educacional, o professor deve ter um pensamento que o leve a comprometer-se com a ética e com a solidariedade.



As disciplinas de estudo devem estar contextualizadas ao mundo competitivo, mas ensinando a pensar, o aluno será capaz de pensar em participação ao invés de autonomia, em comunhão ao invés de isolamento, em ética ao invés de competição, em modificações acréscimos e redefinições.

Com essa exposição percebe-se que a educação deve ser construtivista pois ultrapassa a lógica cognitiva que limita o conhecimento, para um conhecimento sem fronteiras, com a capacidade de agir sobre o mundo de forma singular. Entretanto, é um construtivismo crítico, porque percebe as intrincações sociais e suas relações com o poder. Pressupõe um conhecimento dinâmico, que valoriza as construções do aluno e alimenta a sua curiosidade para novas descobertas. É ainda flexível porque permite mudanças.

A consciência dos alunos é a primeira preocupação do professor construtivista, uma consciência ética, de inclusão, conectada ao momento histórico, capaz se mobilizar para produzir desenvolvimento social e melhoria de vida.

Um professor assim, forma um aluno atuante na sociedade, construtor de novos caminhos quando confrontado com uma situação contraditória e imprevisível, induzindo-o a questionar as propostas básicas que sustentam a ideologia política da sociedade, isto é, um pensamento crítico. Enfim, um aluno consistente e consciente da realidade. É esta a formação necessária para mudar.

A educação, não pode então situar-se como neutra, pois é ela que permitirá sair do reducionismo tradicional para uma ação de liberdade, que supere a simples satisfação das necessidades básicas. Não é para conseguir um simples emprego que o ser humano deve ser educado. O ser humano deve ser educado para pensar.

A ação didática deve ainda prever o relacionamento com o aluno. BOHOSLAVSKY (Apud PATTO, 1981), aponta três tipos de vínculos básicos entre as pessoas: de dependência, como a relação entre pais e filhos; de cooperação ou mutualidade, como a relação entre marido e mulher ou entre irmão e irmã; e de competição entre todas as pessoas.

A relação entre professor e aluno tem se caracterizado como do tipo dependente, sendo o dependente o aluno pois é o professor quem regula o tempo, o espaço e os papéis da relação.

Com o vínculo professor-aluno do tipo dependente cria-se uma verticalidade na relação, levando o aluno a inculcar o autoritarismo. Ao invés de cooperar com o professor, aceita-o como o dono do saber.

A relação de aprendizagem deveria, entretanto, ter o sentido de “estar entre”, colocando-se o conhecimento no centro da relação, situando o objeto a ser aprendido *entre* os que ensinam e os que aprendem.

O sistema de ensino universitário tem permanecido conservador, resistindo às mudanças. As modificações que costumam acontecer são meras reformas e melhoramentos, não chegam a se constituir em modificações do sistema.

A formação do professor não tem conseguido motivá-lo para uma relação de mutualidade para com o aluno. Entretanto, a motivação pode estar dentro dele próprio, transformando-se de mero repassador de conteúdos para um professor que ensina a pensar.

Ao sair da universidade, o aluno deve ser capaz de compreender e modificar o sistema social, pois ali ele deve ter aprendido os conceitos básicos para isso.

A universidade até aqui, tem promovido a formação de especialistas, isto é, de pessoas capacitadas para exercerem determinadas funções que representam papéis de vanguarda, e que acabam por se tornar marginalizados dentro do processo social. Estes especialistas tornam-se alienados do sistema, sem conseguirem enxergar nada além do seu aprendizado. Na maioria das vezes não sabem se relacionar, não conhecem o seu ambiente e, portanto, não estão prontos para promover mudanças.

As universidades, devem promover um ser humano capaz de entender e de assumir suas atividades com o sentido de uma autêntica práxis e que a formação deste tipo de intelectual não pode se dar através das formas tradicionais que ainda hoje impregnam o ensino, traduzidas no vínculo professor-aluno.

Como tem sido até os dias de hoje, o egresso das universidades, via de regra não saber se comunicar, não assume posições por medo do ridículo, é tradicionalista e submisso aos padrões sociais. Isto está mudando pois segundo Hesburg *“Os estudantes serão desafiados a se tornarem em cidadãos do mundo, que buscam soluções para os problemas dos direitos humanos, do ecumenismo, de alimentação, combustível, habitação, assistência-médica, urbanização, poluição, criminalidade, terrorismo, desenvolvimento e educação.”* As atitudes do professor têm sido semelhantes aos padrões vigentes na sociedade. Com isso, a relação com o aluno tem se mostrado mais num clima de violência que de amor. Isso se explica porque, ao impor aos seus alunos um determinado comportamento, um determinado conhecimento, sem aceitar a relação de cooperação, ele está agindo com violência e não com democracia.



O ato educativo torna-se assim, um ato de imposição. O aluno é dependente e submisso ao professor, que não aceita mudanças nessa relação. Entretanto, é uma relação camuflada sob a égide da construção do conhecimento. O conhecimento implica direitos não só sobre a realidade que possa ser conhecida e modificada como também sobre as pessoas. Se o aluno está construindo o seu conhecimento, por meio dele deve poder modificar as coisas, inclusive o modo como se relacionada com o professor.

A imposição nessa relação, assume formas diretas e indiretas. É direta quando o professor porta-se como superior ao aluno, com poder sobre ele. Entretanto, ele leva desvantagem, distanciando o aluno e criando com ele um conflito interpessoal. É indireta quando ele demonstra que o aluno depende de sua sabedoria, portando-se como se ele fosse incapaz de alcançá-la.

Está havendo necessidade de estudar mais e melhor as ciências humanas que nos dias de hoje estão cada vez menos humanas, igualando-se à técnica, necessitando elas também, de uma revisão crítica sobre seus objetivos e conteúdos.

O conflito entre o professor e o aluno torna-se assim, latente. O próprio ato de ensinar denota conflito. O ato educativo ao invés de ter o sentido de mostrar, fazer ver, ampliar perspectivas, toma o sentido de reter, distorcer, controlar, eclipsar, obscurecer e parcializar o conhecimento, assumindo o aspecto de rito.

Esses rituais se caracterizam como uma espécie de iniciação, que perdura desde que o aluno entra na escola primária até sair da universidade. Há rituais onde a agressão supera o amor, outros nos quais a passagem de uma nova situação baseia-se no ocultamento, na parcialização, na renúncia a pedaços de si próprio, rituais nos quais se encobre sistematicamente a maneira pela qual se procura

adequar o indivíduo a um estado de coisas no qual deve se limitar a ser um mero executor a decisões.

Dessa maneira, a ação educativa toma formas de restrição, primeiro porque consiste na exclusão da vida civil (o aluno é só aluno, não deve fazer parte da sociedade como um todo); em segundo lugar porque formando especialistas, fragmenta o conhecimento e em último lugar porque perpetua modos de ser, o que se torna mais grave pois esse é um ato inconsciente do educador. Ao contrário disso, a ação educativa deve ser capaz de levar o aluno a pensar e a exercer a reflexão crítica ao invés de apenas repetir o que o professor ensinou. Isto deve estar inerente à função do docente.

À universidade, cabe educar alunos, capazes de se tornarem verdadeiras pessoas, incorporadas crítica e conscientemente à sociedade.

Os professores não devem querer formar apenas especialistas, mas profissionais preocupados em descobrir novos caminhos para a cooperação entre os homens.

Um outro aspecto a ser observado é o campo de ação do professor. Um professor deve ser capaz de modificar comportamentos e atitudes, mesmo aqueles responsáveis por disciplinas consideradas apenas técnicas. Para tanto, ele deve ser formado com um pensamento, segundo KINCHELOE (1977, p. 205/207):

- orientado para a pesquisa - a pesquisa torna-se a sua ação central. Professores pesquisadores são capazes de ajudar o aluno a produzir, investigar e explorar problemas reais;

- socialmente contextualizados e conscientes do poder - um professor assim, não se separa do contexto sócio-histórico. É consciente das formas como o poder molda o discurso da educação e do pensamento em si. É sintonizado com as mudanças do contexto social, levando o seu aluno a praticar mudanças;
- baseado num compromisso em fazer o mundo - um professor com este compromisso, não impõe o seu próprio conhecimento para o aluno. Tem uma relação de interação com o ele, compreendendo que o conhecimento é produzido por intermédio dessa interação;
- dedicado a uma arte de improvisação - levando em conta a mutabilidade da sociedade, o professor deve saber agir sobre as incertezas e conflitos que requerem improvisações;
- dedicado ao cultivo de participação no contexto - o professor deve saber provocar a participação dos alunos, encorajando-os a discussões que trazem a conscientização da necessidade de mudanças;
- ampliado por uma consciência com auto-reflexão e reflexão social críticas - isso quer dizer que o professor deve saber pensar em estratégias que promovam a participação dos alunos, de tal forma que consiga conhecê-los e de se dar a conhecer. O diálogo é uma estratégia importante para isso. Por meio do diálogo, pode-se levar o aluno a refletir criticamente sobre a própria aprendizagem, sobre a sociedade, sobre a política, sobre o mundo;
- formado por um compromisso com uma educação democrática autodirigida - este professor, deve pensar constantemente sobre a sua ação,



reformulando-a quando necessário, para agir democraticamente com os alunos. Isto os levará a entender que têm, além de direitos, deveres para com a sociedade;

- mergulhado numa sensibilidade para o pluralismo - o professor deve aprender a aceitar as diversas culturas com as quais se depara em sala de aula. É a não-aceitação de determinados grupos na sala de aula que marginaliza alunos. Aprendendo a aceitar a diversidade o professor ajudará seu aluno a obter sucesso nos estudos e a se aceitar, formando um ser humano seguro e democrático;
- comprometido com a ação - aulas expositivas tradicionais não levam à ação. É o movimento que conduz o pensamento. Professores assim, conseguem engajar seus alunos com questões de relacionamento entre pensamentos particulares e ações, ao mesmo tempo em que os alunos colocam problemas em torna das realidades correntes e sua inadequação;
- preocupado com a dimensão afetiva dos seres humanos - os diálogos e as discussões, permitem o afloramento das emoções. O professor deve encorajar seus alunos a expressarem suas emoções como humor, compaixão, empatia e indignação. Isto mostrará que uma relação verdadeiramente humana.

O professor com o pensamento voltado para essas questões entende que o conhecimento não é repassado de cima para baixo, mas construído democraticamente, valorizando todas as habilidades do aluno, de tal forma que o

leva a pautar seu comportamento e suas atitudes sobre uma visão humanista de homem e de mundo.

## 2.2 - A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DE ODONTOLOGIA

Antes de se deter diretamente à questão da formação do profissional de odontologia, faz-se mister compreender a realidade do ensino odontológico atual em Curitiba.

Para isso, faz-se necessário reportar-se a década de 80. Nesse ano, a cidade de Curitiba dispunha de 02 faculdades de Odontologia, formando anualmente 140 cirurgiões-dentistas. Contava então, com 1.194 odontólogos em atividade para atender uma população de 1.024.975 habitantes.

Quinze anos depois, isto é, em 1995, devido ao aumento do número de vagas em Odontologia na PUC-PR e a instalação de mais uma faculdade de Odontologia, (na época Fiset, hoje UTP), 288 alunos passaram a ser formados anualmente, aumentando para 3200 odontólogos em atividade, para uma população de 1.375.185 habitantes.

Nesse período, houve um grande desenvolvimento tecnológico dentro da odontologia, passando essa ciência a ser conhecida não mais como uma "mutiladora" de dentes, para transformar-se em uma profissão na qual os cuidados com a saúde oral passaram a ter um perfil preventivo e conservador.

Mudou o paradigma da profissão mas o entendimento dos procedimentos preventivos por grande parte da população, não é absorvido como tal, pois muitos

pacientes continuam procurando o cirurgião-dentista com o intuito de tratamento e não de prevenção de possíveis enfermidades.

Com esses dados a que conclusão se pode chegar? Apesar do aumento do número de cirurgiões-dentistas em atividade, do avanço tecnológico, cada vez mais os profissionais da áreas estão distanciados da realidade da população, visto que continuamos sendo os “campeões-mundiais” em pacientes desdentados.

Será que o ensino odontológico está formando profissionais com alto grau de especialidade, deixando de lado a grande massa da população?

Não se tem dúvidas a esse respeito. As faculdades de odontologia estão dando um enfoque bastante especializado às disciplinas, para atender apenas o 1% da população economicamente ativa, deixando de lado a grande parcela que continua sem acesso ao atendimento odontológico.

Parece que o grande problema das escolas é estarem voltadas a uma filosofia tecnicista, não apresentando em seus currículos disciplinas que façam com que os “alunos pensem” e quando elas existem é depois muita “briga”, tanto por parte dos alunos como dos professores, pois no pensamento de alguns, “não se pode perder tempo com estas bobagens”. Os profissionais de odontologia acabam envolvidos nos grandes avanços da tecnologia que não atingem grande parcela da população.

Mas parece bastante cômodo culpar os alunos que demostram este tipo de interesse. Quando fazem a opção nos vestibulares nem sempre é por vocação e sim por ser uma profissão que apresenta alguns atrativos a nível de “status”. Devemos



então, fazer a autocrítica: quem ensina aos alunos? Quem faz o currículo das escolas? Quem avalia os alunos? Quem avalia os professores? Quem avalia as Instituições? Quem mostra qual o caminho a ser seguido?

Apesar da demagogia de muitos, o que se vê em termos de ensino odontológico? Profissionais ministrando suas aulas dentro de um paradigma tradicionalista, sem a participação dos alunos, “despejando” conhecimentos sem se importar se o aluno está ou não preparado para desenvolver os novos conteúdos.

O mestre que ministra suas aulas nas faculdades de odontologia não foi preparado para ser professor. Ele acredita que dar aula é uma capacidade nata, é um “dom”, e não precisa de novas técnicas ou novas experiências didático-pedagógicas para transmitir os seus conhecimentos. Ele acredita também, que importante é que o aluno saiba fazer algum tipo de tratamento no seu futuro paciente. E aí vem a grande pergunta? Apesar de termos uma quantidade enorme de cirurgiões-dentistas no mercado, a saúde bucal da população brasileira continua em estado precário. Alguma coisa deve estar errada no processo ensino-aprendizagem.

Ora, pois estamos diante de uma ciência na qual cada disciplina é dada da sua maneira, dentro da sua filosofia, sem se importar se está dentro da filosofia da escola, se é que a escola tem alguma filosofia!

Normalmente, o que professor de Anatomia Humana ministra em suas aulas, tem pouca importância para as disciplinas das cadeiras específicas. Essa situação faz com que, quando o aluno necessite dos conhecimentos de Anatomia, ele já não se lembre mais, pois durante o período em que foi ministrado a disciplina só a uma

pequena parcela da carga horária foi despendida com assunto de interesse do futuro cirurgião-dentista.

Para reverter esta situação vemos que não é necessário aumentar a carga horária, mas sim, que as disciplinas que compõem este curso tenham seus conteúdos programáticos voltados para a realidade da profissão, ou seja, é urgente que os professores desçam de seus pedestais, para preocuparem-se em consultar seus alunos, colegas e outras partes envolvidas, sobre a melhor maneira de realizarem sua prática didática, tendo em mente que estão formando seres humanos que trabalharão com outros seres humanos.

Apesar da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal do Paraná ser uma das mais antigas do país, até os dias atuais não oferece nenhum curso a nível de mestrado/doutorado, no âmbito específico da Odontologia, não existindo tais cursos, pesquisar passa pela boa vontade de alguns poucos professores pesquisadores que a fazem com o sacrifícios pessoais.

Não existindo pesquisa, a extensão caracterizada apenas como um motivo de “perda de tempo”, não havendo novas ideias, como será possível haver uma melhora do binômio ensino-aprendizagem nas Faculdades de Odontologia?

Não estamos sugerindo que não devemos usar os avanços científicos e tecnológicos e sim, usar a evolução das especialidades com o intuito de se atender a grande parcela da população, criando para isso, mecanismos onde a maior demanda de atendimento deva acarretar em um menor custo, atingindo um maior número de pessoas.

Para isso ser possível, deve-se alterar o paradigma da odontologia atual, alterando o currículo das escolas, avaliando corretamente o futuro profissional,

imprimindo um caráter mais universal, para que pelo menos os alunos tenham preocupações de que quando recebem o seu diploma, não sejam somente odontólogos, mas principalmente **seres humanos**, a serviços de do seu semelhante.

Para isso, que educação deve-se dar ao universitário de odontologia? Um princípio fundamental vem de HESBURGH: *“É muito difícil educar aqueles que não amamos de fato”*. Amar os nossos estudantes é a primeira condição para torná-los profissionais preocupados com os seres humanos.

Em segundo lugar, deve-se interessar por saber o que o universitário de odontologia almeja do curso, qual o seu perfil e como as universidades podem responder a estes quesitos.

ALVAREZ afirma que o estudante universitário é jovem, com idade entre 18 e 25 anos com as seguintes características:

- emocionalmente imaturo e inseguro, mas sumamente cioso da pessoa adulta completa que aspira ser;
- extraordinariamente suscetível e com reações violentas contra quem pretende roubar-lhe essas prerrogativas;
- mostra-se, ao contrário, generoso e franco para quem demonstrar respeito por ele;
- grande capacidade de entusiasmo e que pode tomar dois rumos:
  - aplicar-se aos estudos;
  - desviar-se para outros problemas de maior ou menor importância.



Mas parece que não há diferenças significativas entre os jovens de hoje com os de ontem, senão veja-se a seguinte observação:

*Os jovens tem idéias exaltadas porque ainda não foram humilhados pela vida, ou aprenderam suas limitações necessárias; além disso, sua disposição esperançosa os faz considerarem-se iguais as grandes coisas. Preferem sempre realizar feitos nobres ao invés de úteis; suas vidas são orientadas mais por sentimentos morais que pelo raciocínio. Todos seus erros consistem no fato de fazerem as coisas excessivas e veementemente, exageram em tudo — amam demais, odeiam demais e o mesmo se passa em relação a tudo o mais (ARISTÓTELES, Apud HESBURGH, 1979, p. 107).*

Comparando os dois perfis da juventude separados por mais de 20 séculos, nota-se que os anseios e características da juventude (que compõe a maior parcela dos estudantes universitários) é semelhante, mas qual a diferença que existe entre a educação atual com a de ontem?

Parece clara a diferença existente entre os dois mundos. Hoje, a velocidade de transformação da sociedade ocorre com muita intensidade e rapidez. Deve-se, ao mesmo tempo, aliar a reflexão com a ação, o humanismo com a tecnologia, pois, o mundo atual não permite mais dúvidas e indecisões do ensino universitário para a formação do jovem atual, sob condição destas deixarem de fazer parte da vanguarda mundial. Vê-se cada vez mais, empresas líderes em tecnologia, formando seus “pensadores” dentro da própria empresa, com total liberdade de ação e criação, características que devem ser das universidades, para poder formar o jovem da atualidade, com capacidade de reflexão e visão da universalidade, que só quem não está necessitando concorrer no mercado global pode oferecer.

Resumidamente, entende-se que a educação, seja no curso de odontologia ou em qualquer outro curso universitário, deva estar baseada nos seguintes tópicos:

- Formação Cultural - consiste em dar ao estudante universitário uma visão geral da realidade regional, nacional e mundial, bem como conhecimento dos aspectos essenciais de cultura, a fim de melhor assistir ao estudante a consciência da época em que vive.
- Formação humanística - na qual o estudante deve entender a sociedade como um todo e não mais somente pelas suas conveniências com uma maior participação na realidade social.
- Formação técnica - na qual a universidade deve oferecer na formação do estudante um saber atualizado. Para isso os professores devem estar informados, integrados com todas as disciplinas que integram os currículos, com intenção de facilitar ao estudante uma visão mais integrada de todas as técnicas atuais disponíveis para possibilitar ao jovem um conhecimento global dos assunto técnicos.

Além destes tópicos as universidades atualmente devem ter uma preocupação maior na formação dos jovens pois senão veja-se:

*A dissolução da vida familiar e comunitária bem como o declínio do ensino secundário, uma geração de estudantes de faculdade, muitos dos quais não mais buscam na universidade o aprendizado e prazeres sociais, mas também e acima de tudo — afeto, atenção, orientação moral e uma oportunidade de se envolver pessoalmente em assuntos adultos. As universidades não estão equipadas para fornecer tais coisas (PIPES).*

Assim, além da universidade preocupar-se com a formação humana, técnica, cultural e social ela não pode esquecer-se que faz parte da vida dos jovens estudantes, que, em sua maioria, ainda estão em formação de caráter. A universidade, por meio do seu corpo docente, deve preocupar-se com a formação do HOMEM.

Uma formação do odontólogo, com vistas ao Terceiro Milênio, deve compreender obrigatoriamente, segundo LARROYO (Apud NÉRICI):

- formação científica, para saber as causas e efeitos da sua ação profissional;
- formação técnica, para saber dos recursos científicos e a sua aplicação, para maior eficiência no seu trabalho;
- para formação ambiental, para conhecer o meio em que vai atuar;
- formação cultural, para compreender a posição e o significado da sua atividade, no conjunto de todas as atividades humanas;
- formação econômica e social, para ter noção do valor do seu trabalho, em sentido pessoal e da comunidade, bem como saber como orientar-se, responsabilmente, com relação a comunidade, quanto ao exercício da sua profissão.

O que se vê na formação do aluno das faculdades de odontologia de um modo geral?

O aluno sai basicamente com os dois primeiros itens citados pelo autor. Os seguintes, que fornecem uma condição integral do ser humano, são deixados de



lado. Para modificar tal paradoxo, seria necessário além de alterar o paradigma da profissão, alterar o currículo das escolas, pois se as modificações curriculares forem aceitas pelos professores, será mais real alterar este paradigma. Para tanto, é urgente definir que tipo de profissional se quer formar nas faculdades, como já dito anteriormente.

A partir da definição dos objetivos a serem atingidos pelo curso de graduação deve ser feito o planejamento curricular e a caracterização das qualificações do profissional a ser formado.

Os currículos e respectivos conteúdos devem ser revistos, e conseqüentemente enxugados, induzindo no aluno o espírito crítico do aprendizado com responsabilidade.

Em geral nota-se um envolvimento das várias disciplinas e praticamente um “currículo oculto” que, contrariando a realidade e as tendências do mercado de trabalho, insistem apenas na imagem e na preparação do futuro cirurgião-dentista, como profissional liberal autônomo.

O profissional de odontologia no Brasil deve ser aquele com conhecimentos básicos, humanísticos, econômicos, sociais, clínico, técnicos simplificados e objetivos; deve estar preparado para atuar não apenas nos grandes centros urbanos, mas trabalhar em serviços socializados e populares, com produtividade e qualidade além de ser treinado para interagir com equipes interdisciplinares.

O cirurgião-dentista deverá ser um clínico geral com habilidade de aplicar princípios biológicos, técnico-científicos, éticos e humanos para resolver os problemas das doenças buco-dentais mais prevalentes na região.

Tecnicamente deverá ser capaz de:

- diagnosticar os problemas buco-dentais existentes, estabelecendo planos de tratamento compatíveis com as condições sócio-econômicas e com o estado geral do paciente;
- utilizar sistemas para racionalização do trabalho, que possibilitem alta produtividade sem prejuízo da qualidade;
- instruir pacientes e a comunidade visando a melhoria e a manutenção da saúde bucal e aplicação de métodos preventivos em nível individual ou coletivo.

A clara definição da capacitação do profissional a ser formado é o passo inicial para a elaboração do projeto pedagógico dos cursos de graduação. Como afirma SCHMITZ, *“Para não ser a torre de marfim, a universidade precisa continuamente avaliar e reavaliar a adequação entre as suas atividades e as necessidades da comunidade.”*

As faculdades de odontologia tradicionalmente são voltadas para si, considerando que elas se bastam a si próprias. O que mais se escuta é que o curso de odontologia é diferente do resto da universidade. Para que as idéias se transformem em realidade, elas precisam abrir-se ao mundo. Isso significa passar gradualmente de condições puramente acadêmicas para as situações reais de atuação profissional, visando o ser humano. Não se trata de escolher esta ou aquela condição de ensino, mas de diversificação dos locais de aprendizagem clínica e medidas coletivas, incluindo serviços odontológicos do setor público em ambientes comunitários tais como escolas, creches, instituições para idosos,

deficientes, fábricas. O importante é que o trabalho nesses locais seja em tempo curricular, com supervisão adequada, e para atingir os objetivos instrucionais específicos, no tempo necessário de adquirir o nível de competência desejado. Isso iria de encontro a afirmação de CASSIMIRO: *“Na verdade, um cidadão deixa de ser elemento marginalizado na sociedade, quando encontra seu lugar na trama complexa das interdependências da vida comunitária”*.

As experiências de trabalho propiciadas pelas instituições de ensino podem ser diversificadas. As clínicas extra-muros oferecem resultados acadêmicos importantes, rompendo com uma postura conservadora e muitas vezes elitista. Por outro lado, há possibilidades de experiência de trabalho adquiridas em período de férias, de estágios curriculares e outras que têm sido vivenciadas em universidades estrangeiras, como os *“cursos sanduíche”* ou os *“semestres práticos”*. Ou seja, a variedade de situações do ensino-aprendizagem vivenciadas durante o curso de graduação propiciam contatos com as diversas realidades sociais, podendo facilitar inserções e diversificações profissionais e ainda funcionariam como excelente canal de dupla mão para retroalimentação do curso de graduação.

Os avanços das técnicas preventivas, como medidas de massa, medidas domiciliares e medidas de consultório, estão mudando, no espaço de uma geração, no panorama da prática profissional nos países industrializados, e mesmo em segmentos de nível educacional elevados de países da América Latina. É preciso familiarizar os cirurgiões-dentistas que estão se formando agora, para uma prática no século XXI, que contemple uma visão clínica-epidemiológica do exercício profissional e sua base ética e também, para o conceito de risco na prática odontológica dirigida a grupos populacionais.



Embora a maioria dos currículos incluam um enfoque preventivo, o modelo de odontologia praticado ainda é essencialmente curativo, permanecendo a antiga dicotomia *discurso versus prática*.

Na década de 70, a Fundação Getúlio Vargas já alertava para os gastos familiares do brasileiro com assistência médico-odontológica que giravam em torno de 4,5% do orçamento familiar. Segundo dados do Índice de Preços do Consumidor da FIPE, estimava-se, que entre os anos 1990-92, poderia ser classificado na faixa de rendimento mensal familiar de 1 a 20 salários mínimos. Em média 0,72% deste rendimento mensal vem sendo gasto com serviços odontológicos. Isto permite concluir que hoje, na melhor das hipóteses, a maioria das famílias brasileiras dispõe e utiliza cerca de R\$ 1,20 a R\$ 24,00 para gastos mensais com saúde bucal. Estes dados respaldam a necessidade da modificação do enfoque curativo dos currículos das faculdades para um currículo preventivo e também servem para alertar o futuro profissional, para as relações humanas, se realmente a classe odontológica estiver preocupada com o ser humano.

Por outro lado, os responsáveis pelas disciplinas clínicas fazem a alegria dos revendedores de material odontológico e tristeza dos pais e alunos pelos valores das listas de exigências para a freqüência às aulas. Compra-se mais material e instrumental para disciplinas de aplicação clínica do que os especialistas em atuação nas referidas áreas. Seria sempre necessária e imprescindível o encarecimento dos custos, provocada pela sofisticação?

Aonde está a capacidade de adaptação e visão de realidade destes professores para o exercício do magistério? Nas palavras de NÉRICI, "*Professor é*

*quem professa algo julgado útil ou verdadeiro para o indivíduo e a sociedade, visando a formação consciente, eficiente e responsável.”*

O aluno adquire instrumentais, materiais e equipamentos, e muitas vezes não tem mentalidade para se adequar à realidade dos pacientes, do local onde trabalha, pretendendo recuperar o investimento em curto prazo de tempo, deixando de propor tratamentos alternativos adequados. Aliás, obrigatoriamente, o cirurgião dentista deveria propor o tratamento adequado e as opções alternativas. Mas para isso, ele deve ter uma formação baseada no bem comum.

O modelo atual de especialização na formação dos futuros cirurgiões dentistas, dá ênfase as especialidades que requerem altas tecnologias para a sua execução. Tal modelo de ensino, conservador e elitista, estimula a especialização precoce, com profissionais *recém-mal-formados*, interessados em cursos de especialização para suprir deficiências da graduação sem ter tido uma formação geral adequada, antes de direcionar-se para uma determinada área.

O que acontece? “Ótimos” profissionais em determinada especialidade que não conseguem enxergar o paciente como um todo.

Assim, há dados de que o ensino odontológico no país está totalmente errado, enganoso, desvirtuado, mal direcionado e, em alguns casos, com suspeitas de que se ensina inadequadamente na graduação para canalizá-lo para as especializações. Além do apelo “status” do profissional especialista, de modismos e até de “marketing” de muitas especialidades já se criam “pré-requisitos” para estes cursos por meio de cursos prévios de aperfeiçoamento. A nossa posição não é contrária aos cursos de especialização e sim a favor da melhor formação do aluno

da graduação com uma visão global do indivíduo antes de trilhar o caminho da especialidade, realidade do próximo milênio.

### **2.2.1 - Mas o que leva a este enfoque?**

A falta de clareza sobre as capacitações dos profissionais a serem formados, leva a estas aberrações especializantes. Além disso, a falta de interação entre as disciplinas e conteúdos que compõe um curso, faz com que se perca a visão do todo, junto com a ausência de um projeto pedagógico para as escolas de odontologia.

O limite entre o generalista/especialista deverá ser delineado na definição de competência para a formação do cirurgião-dentista. Porém, para se oferecer uma visão do conjunto da abrangência profissional é necessário que as faculdades formem integralmente o aluno para evitar que este se alheie a comunidade onde terá de viver e atuar profissionalmente. A universidade deve se colocar na vanguarda do processo cultural e científico e não aguardar que as mudanças sejam a ela impostas pela sociedade como decorrência de sua ineficiência na solução de seus problemas.

O ensino da odontologia deve incorporar uma aprendizagem individual ou em pequenos grupos de discussão, sobre temas de relevância tanto social, política, econômica como da prática odontológica. O envolvimento do aluno no estudo é



fundamental para se acabar com a prática do professor fazer de conta que ensina e o aluno fazer de conta que aprende.

Os currículos horizontais não são a melhor forma de educar, nem têm fundamento pedagógico que o justifiquem, pois mantêm uma separação quase completa entre as ciências básicas, a parte prática e parte clínica da profissão. Um currículo baseado em integração de conteúdos teóricos e práticos, voltados para questões concretas, favorece a introdução de métodos de aprendizagem ativa, orientada para a solução dos problemas, sendo um passo importante em qualquer processo inovador. O currículo e as atividades devem estimular o desenvolvimento da autonomia científica, cultural, social e econômica em busca do conhecimento.

A instituição formadora deverá contar com mecanismos de estímulo e apoio a programas de iniciação científica, que ampliarão a visão do aluno para formar profissionais com mentalidade crítica da realidade bem como cientificamente melhor preparados.

Atualmente, a sofisticação profissionalizante atinge níveis de exagero, conduzindo mais o aluno para a *tecnocracia da aparatologia*, em detrimento da sua formação fundamentada em bases mais humanitárias.

Provavelmente, mais importante do que enfatizar o treino do aluno em tecnologia recente e sofisticada, seria oferecer-lhe uma sólida formação, preparando-o para adequar-se à realidade em que atuará e com espírito crítico e aberto para eventual absorção de tecnologias. Segundo KERR, "*O conhecimento agora é decisivo para a sociedade. É desejado e até mesmo exigido por pessoas e instituições em proporções nunca antes igualadas. Como produtora, atacadista e*

varejista do conhecimento, a universidade não pode fugir à prestação de serviços. O conhecimento está hoje a serviço de todos” (1982, p. 57).

Deve-se procurar introduzir o ensino baseado na aquisição de competências considerando o paciente como unidade.

Há faculdades que não atendem às necessidades básicas do espaço físico preconizadas pela Comissão de Especialistas de Ensino de Odontologia do MEC. Quando o aluno executa o seu estágio, nas faculdades de odontologia normalmente chamados de clínica integrada, ele deve ser estimulado para atuar com responsabilidade individual, para evitar futuras inseguranças e dependências. Deve-se observar o período de férias, pois não é razoável que os atendimentos prestados a população sejam interrompidos durante quatro meses de férias. É necessário maior responsabilidade para com a comunidade!

Como dito anteriormente, a atuação do professor é decisiva na formação do aluno. Sua capacitação deve levar em conta pelo menos os seguintes aspectos:

- *Cultural* - o professor deve ter uma visão global da realidade, deve estar informado do que ocorre em todos os setores de atividade;
- *Técnica* - o docente deve estar a par e atualizado dos conteúdos e técnicas de sua disciplina, interagindo com as demais disciplinas do curso;
- *Didática* - o professor deverá estar preparado para utilizar todos os modos mais acessíveis e eficientes de orientar a aprendizagem do aluno;
- *Tutorial* - o professor dos cursos de odontologia deve descer de seus pedestais e assistir o aluno em suas dificuldades, bem como estimulá-lo a prosseguir o seu caminho.



O professor deve ainda, participar de cursos de educação continuada com enfoque pedagógico para melhorar a qualidade do ensino. *“A extensão universitária, por sua vez, é a projeção da Universidade ao meio, com o oferecimento de conhecimentos teórico e práticos para consumo das comunidades, sob a forma de treinamento supervisionado e a simultânea prestação de serviços. É a definição da efetiva posição tridimensional da Universidade moderna”* (Ext. Univ. CRUB, 1976).

O hábito da freqüência a cursos de extensão universitária e da participação em eventos científicos, deve ser estimulado desde o curso de graduação, para formar um profissional mais crítico e atento a realidade. Considerando que a velocidade do progresso da ciência e da tecnologia em nossos tempos é muito rápida, um programa de educação continuada mantida pelas instituições de ensino asseguraria a vanguarda destes avanços. Quem mais lucraria com isso certamente seria a comunidade. Uma faculdade não teria apenas os alunos formais de graduação e pós-graduação, mas estenderia sua abrangência aos profissionais em geral. Seria uma excelente oportunidade de retroalimentação do curso de graduação, pois a convivência entre experiências distintas é salutar para o aperfeiçoamento da profissão e para o melhor entendimento da sociedade.

*“ Mas há um setor de atividade em que a universidade tem de atuar por obrigação. É no ensino, ou melhor na pesquisa ligada ao ensino. Sem essa pesquisa aplicada e indispensável, o ensino jamais poderá melhorar e a universidade se tornará exclusivamente uma transmissora da cultura já feita, estática e desintegrada da realidade”, afirma SCHMITZ.*

A universidade precisa integrar suas funções de docência, pesquisa e extensão para formar um profissional, que além de tecnicamente competente, tenha



maior capacidade de identificar os problemas da coletividade, de se entrosar com os diversos segmentos da sociedade neles envolvidos e atuar direta e efetivamente no sentido de modificar a situação caótica que se encontra a saúde no Brasil.

A preparação do aluno para atender e respeitar o paciente como ser humano, deve estar presente em todas as etapas da faculdade, num momento em que o próprio conceito de saúde não se restringe à saúde corporal propriamente dita, mas envolve aspectos psicológicos, sociais e ambientais. O futuro profissional de odontologia, deverá receber uma visão holística do indivíduo. Para tanto, o mecanismo não é mera introdução de matérias obrigatórias como antropologia, sociologia, psicologia, etc., mas sim, deveria haver uma espinha dorsal do curso baseada na *filosofia*, não só relacionada com a profissão mas com uma visão geral do universo. Com isso, automaticamente os conteúdos culturais e humanísticos iriam diluir-se em todas as disciplinas, bem como haveria um relacionamento interpessoal ético respeitando a individualidade e os direitos de cada um. *“Uma educação é verdadeiramente humanista na medida em que se esforça no sentido do desvelamento da realidade, desvalamento para o qual o homem vai existenciando sua real vocação: a de transformar a realidade”*, afirma CARVALHO.

Em síntese, a UTP tem como filosofia dar uma visão mais universal ao aluno, privilegiando o relacionamento interpessoal ético e respeitando a individualidade e os direitos de cada um.

### 2.3 - A AVALIAÇÃO NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO

Embora a expressão “avaliação educacional” date deste século (TYLER, 1934), modalidades de avaliação podem ser encontradas já no histórico dos chineses e junto a filósofos gregos (PENNA FIRME, 1994, p.7).

Considerando que a educação consiste em um ato intencional, a avaliação pode ser definida como *meio e não um fim* capaz de suprir o processo com o necessário conhecimento dos resultados alcançados.

HADJI, propõe denominar avaliação como

*“... o ato pela qual se formula um juízo de ‘valor’ incidindo num objeto determinado (indivíduo, situação, ação, projeto, etc.) por meio de um confronto entre duas séries de dados que são postos em relação:*

- *dados que são da ordem do fato em si e que dizem respeito ao objeto real a avaliar;*
- *dados que são da ordem do ideal e que dizem respeito a expectativas, intenções ou a projetos que se aplicam ao mesmo objeto” (1994, p. 31).*

Para TYLER, avaliação é

*“... um processo intrincado e complexo que começa com a formulação de objetivos que envolvem decisões sobre os meios que assegurem a evidência de seu cumprimento, os processos de interpretação para se alcançar o significado dessa evidência e os juízos sobre os aspectos positivos e os negativos para se levar a cabo as decisões sobre as modificações e as melhorias que necessitam o currículo e o ensino” (1951, p. 48).*

As diversas concepções de avaliação, todavia, regem encaminhamentos pedagógicos diferenciados, o que equivale dizer que a visão do mundo é determinante da avaliação que se elege e se pratica.

Debruçados sobre a trajetória através dos tempos ou pensando linearmente a avaliação educacional praticada no momento histórico próximo, observa-se uma pluralidade de versões sintonizadas com um elenco de pressupostos. A sistematização das principais abordagens, com seus conceitos-chave e marcas distintivas, constitui auxiliar indispensável na compreensão primeira da avaliação e suas possibilidades.

Um rápido exame do quadro evolutivo das tendências pedagógicas possibilita acompanhar o movimento progressivo da avaliação em sua relação direta com a perspectiva do mundo e de educação.

- A escola tradicional, calcada em um paradigma teológico, enfatizou a memorização, seja trabalhando com verificações a curto prazo, seja adotando verificações de longo prazo.
- A escola nova, edificada sobre o pensamento estruturalista e existencialista, introduziu uma avaliação fluida, em que esforços e êxitos eram prontamente reconhecidos pelo professor.
- A abordagem tecnicista e seu paradigma trouxe a ênfase no produto, enaltecendo a avaliação dos conteúdos específicos, atrelados a objetivos bem configurados.
- A tendência progressista, fortemente marcada pelo veio político, trouxe como contribuição o resgate da dimensão individual e social, dispensando



a verificação direta e admitindo uma avaliação da prática vivenciada e a auto-avaliação.

Já no século XX, a avaliação educacional conquistou significativos avanços na esfera conceitual, atravessando pelo menos quatro estágios. A constatação é de estudiosos como Egon GUBA e Yvona LINCOLN, citados por PENNA FIRME (1994, p.6-8), que assim se manifestam:

- Primeira geração: Avaliação basicamente associada a mensuração sem distinguir avaliação e medida; o avaliador é um técnico por excelência.
- Segunda geração: fase descritiva de padrões e critérios; o avaliador permanece um técnico.
- Terceira geração: emergência do julgamento, preocupação com o mérito e relevância com características fundamentais do juízo de valor e de modelos de avaliação; o avaliador se faz juiz.
- Quarta geração: marcada pela negociação como palavra de ordem, a avaliação é vista como um processo interativo, sustentado por um paradigma construtivista; a concepção de avaliação captura os elementos todos do processo, sejam eles humanos, sociais, culturais, éticos ou políticos; o avaliador é um comunicador.

A problemática da avaliação e o debate implícito sobre os pilares que a sustentam mantêm-se na pauta dos educadores, a despeito dos avanços e conquistas registradas em sua marcha evolutiva.

Muito dos problemas que dificultam a elaboração de instrumentos adequadas para avaliar os estudantes de odontologia, originam-se do fato de não conhecermos que tipo de indivíduo desejamos formar e o que a sociedade espera dele. É difícil construir uma avaliação adequada sem que esse objetivo terminal seja claramente definido. *“O exercício de uma profissão pressupõe vocação, certas aptidões e um código de ética de comportamento social”*, afirma NÉRICI.

Quando se avalia um futuro profissional, deve-se ter em mente que a educação recebida deve ser capaz de produzir indivíduos que possam funcionar adequadamente em todas as áreas requeridas, e proporcione serviços para um grande número de pessoas, lembrando que os cuidados para com a saúde, é um direito.

A avaliação pode ser caracterizada em termos de seu impacto sobre os estudantes (expresso em competência) no lugar de conteúdos baseados em disciplinas (conteúdo instrucional). Há uma diferença entre o que o estudante deve aprender e o que é ensinado (educação baseada na disciplina). Deve-se organizar uma seqüência de experiências para que os estudantes sejam qualificados quando eles se graduarem (educação baseada na competência). Esta diferença conceitual sinaliza uma real diferença para onde devemos olhar primeiro no desenvolvimento da avaliação — para dar suporte às disciplinas ou para a prática das necessidades futuras.

Mas a avaliação deve servir também como forma de se chegar à qualidade do ensino. Para isso, é preciso unir três modalidades preconizadas por BLOOM, HASTING e MADDAUS (1971), citado por SOEIRO & AVELINE (1982).

Para esses autores, há três tipos de avaliação que correspondem a três funções:

TIPO	FUNÇÃO
Avaliação diagnóstica	Diagnóstico
Avaliação formativa	Controle
Avaliação somativa	Classificação

### - Avaliação Diagnóstica

Para HADJI, a avaliação diagnóstica trata de “... explorar ou de identificar algumas características de um aprendente (por exemplo, as representações ou os conhecimentos adquiridos) com vista a escolher a seqüência de formação mais bem adaptada às suas características. [...] trata-se de articular, de maneira adequada, um perfil individual ou um perfil de formação” (1994, p. 62).

Distingue-se das demais por sua finalidade. Os meios (descrição, mensuração, discriminação) são os mesmos nos vários tipos de avaliação. O que é diferente, em cada caso, é o objetivo que se tem em vista. Mesmo assim, apesar de serem os objetivos peculiares a cada tipo, todos devem convergir para o mesmo ponto final: descobrir o potencial do aluno.

O diagnóstico é feito para:



- 1) determinar até que ponto o aluno atingiu os objetivos;
- 2) verificar se existem alunos que já possuem as habilidades que o curso se propõe a desenvolver;
- 3) identificar interesses, possibilidades, necessidades de cada aluno, a fim de que se possa ministrar um ensino sob medida, isto é, individualizado;
- 4) descobrir insuficiências ou dificuldades a fim de superá-las.

Para se avaliar a qualidade do conhecimento do aluno, é preciso antes, conhecer suas habilidades, seus interesses, possibilidades e insuficiências.

A avaliação diagnóstica torna-se um instrumento para a futura ação pedagógica. Deve possibilitar uma tomada de decisão pelo professor, sobre o que fazer para que o aluno supere seus obstáculos e descubra suas reais habilidades.

### **- Avaliação Formativa**

Segundo o mesmo autor, a avaliação formativa tem, antes de tudo, uma finalidade pedagógica, por isso, sua característica fundamental é a de se integrar à ação de formação.

BLOOM (1971) esclarece que esta modalidade de avaliação busca, basicamente, identificar as principais insuficiências em aprendizagens iniciais, necessárias à realização de outras aprendizagens. Provê elementos para, de modo direto, orientar a organização do ensino-aprendizagem em etapas posteriores de aprendizagem corretiva ou terapêutica. Nesse sentido, deve ocorrer freqüentemente

durante o ensino. É formativa, no sentido de que indica como os alunos estão se modificando em direção aos objetivos desejados.

Professores e alunos, através de avaliação formativa, podem garantir a consecução de seus objetivos, desde que saibam de antemão onde querem chegar e o caminho que devem percorrer. Essa avaliação impede efeitos indesejáveis, tais como:

- a) frustração ou sensação de malogro, tanto do professor como do aluno;
- b) perda de motivação do aluno;
- c) diminuição da auto-estima dos alunos considerados insuficientes ou incapazes.

Uma boa avaliação formativa deve:

- a) distribuir os objetivos em pequenas unidades de ensino;
- b) formular os objetivos em termos de comportamento observável;
- c) tomar como referência um quadro ou esquema teórico;
- d) corrigir os erros e reforçar os acertos mediante utilização de "feedback";
- e) selecionar alternativas corretivas de ensino-aprendizagem (leitura, notas de aula, auxílio de colega, instrução programada, nova explicação pelo professor, etc.).

Muitas vezes, o processo de mudança é difícil para o aluno, pois ele pode ser detentor de um problema com raízes profundas, não se referindo simplesmente a

matéria dada mas à sua própria auto-estima que se apresenta reduzida. A avaliação diagnóstica, deverá detectar o problema e a formativa, tentará levar o professor a auxiliar o aluno e a motivá-lo para superar o problema.

### **- Avaliação Somativa**

A avaliação somativa é um processo de descrição e julgamento para classificar os alunos ao final de uma unidade, um semestre ou curso, segundo certos níveis de aproveitamento. Para HADJI (1994), esta modalidade de avaliação deve propor um balanço (ou soma) do ciclo de formação.

A avaliação somativa tem por fim uma verificação geral do grau em que resultados mais amplos foram obtidos. Em sua essência, consiste na comparação de resultados.

São requisitos da avaliação somativa:

- a) definição de objetivos;
- b) procedimentos de medida, dissertação, testes de múltipla escolha, certo-errado, questões de resposta curta, testes combinados, testes de completamento ou lacuna, etc).

Não se pode confundir avaliação como simples medida. A medida, é apenas um dos aspectos da avaliação.



É bom lembrar que de nada adianta somar as modalidades de avaliação se o professor não tiver criatividade suficiente para distinguir seus defeitos e qualidades. Para que a avaliação seja segura, o professor deve responder à seguinte questão: a quem deve servir a avaliação? Segundo HADJI (1994, p. 88), a avaliação é uma atividade que deve ser exercida em proveito daqueles sobre os quais ela se exerce (neste caso, os alunos da Clínica Integrada Odontológica), ou daqueles que dizem respeito ao objeto sobre o qual ela se debruça (neste caso, o método empregado pelos professores da Clínica Integrada).

Sob o ponto de vista do aluno, há que se considerar que a avaliação é uma atividade social, devendo ele, aluno, ser considerado como:

- aprendiz;
- aluno, submetido a uma ação de socialização no seio de uma instituição educativa onde 'dialoga' com os parceiros do ato educativo;
- indivíduo, destinado a inserir-se numa estrutura sócio-econômica, e construindo o que fará o seu valor social.

Considerando-se que a Clínica Integrada oportuniza a vivência social do aluno, não há como encarar a avaliação de outro modo.

Do ponto de vista do objeto — o método utilizado pela equipe da Clínica Integrada — a avaliação deve servir para verificar se os objetivos educacionais foram alcançados, isto é, se o conhecimento foi adquirido.

Portanto, a avaliação na Clínica Integrada deverá ser capaz de medir tanto o conhecimento adquirido pelo aluno, como a sua atuação no ambiente social que o

cerca, neste caso, um ambiente que trata da saúde, observando-se ser um direito de todos.

Conceitualmente, a avaliação assim entendida, dará suporte à prática da futura profissão, observando o lado essencialmente humano que a permeia.

Por ser uma prática quotidiana da vida escolar, ela deve ser questionada também quotidianamente.

### 2.3.1 - Questionando a Avaliação

O questionamento da avaliação é essencial para a sua sobrevivência com qualidade.

Estudos recentes voltados à avaliação educacional elencaram trinta proposições para a sua apreciação criteriosa (PENNA FIRME, 1994, p.6). Esses critérios foram agrupados em quatro categorias:

- utilidade - prevê que o processo por inteiro deve ser útil a todos os envolvidos;
- viabilidade - diz respeito à sua exequibilidade e oportunidade;
- exatidão - equivalente a condução correta;
- ética - avaliação justa e justificada.

Para Mirian GRINSPUN (1994, p. 40), nossa avaliação caminha rumo a aproximação do discurso para a prática. Entretanto, uma rápida observação do cotidiano traz à tona alguns complicadores marcantes:

- a temática é ainda detentora de muitas perguntas sem resposta; no afã da descoberta de caminhos, ocorre um realce à dimensão teórica em detrimento da dimensão prática e um efeito dissociado da realidade, acrítico e descontextualizado;
- subsiste, teimoso, um pronunciado e freqüente distanciamento discursivo;
- o isolacionismo de iniciativas conduz a redundância de esforços;
- é alto o índice de “pseudo-avaliação”.

A avaliação pode então tornar-se uma cilada ao invés de firmar-se como um instrumento de busca da qualidade.

Para fugir a isso, é preciso que o avaliador construa, de forma clara e precisa, o que deve ser avaliado. Ele precisa ser objetivo, construindo um juízo seguro sobre o valor do que vai avaliar.

Deve antes de mais nada, saber responder quem desejamos formar. Tem ainda que ser coerente com o seu próprio discurso, não se deixando levar pelo humor do momento. Por isso, o instrumento utilizado deve ser digno de confiança. Segundo HADJI (1994, p. 106), a avaliação não pode ser utilizada como um meio de ajuste de contas entre avaliador e avaliando. Para avaliar objetivamente, tendo coerência com o discurso, o avaliador precisa:



- determinar a questão precisa à qual a avaliação tem por objeto fornecer respostas precisas;
- explicitar a resposta dada a cada questão, justificando-a.

Mas a avaliação, principalmente a da Clínica Integrada que, por força de seu próprio nome pressupõe uma integração de atividades e pessoas, não pode se dar isoladamente. É preciso então, o estabelecimento de uma política de ação, em que toda a equipe trabalhe sobre o mesmo parâmetro. Com isso, a avaliação estabelecerá elos entre a teoria e a prática ou entre a realidade teórica da sala de aula e a realidade concreta do trabalho.

### **2.3.2 - A Avaliação Necessária**

Na sociedade competitiva que vivemos, os pais, o sistema de ensino, os profissionais do ensino, professores e alunos, todos têm suas atenções centradas na promoção, ou não, do estudante de uma série de escolaridade para outra. O sistema de ensino está interessado nos percentuais de aprovação/reprovação do total dos educandos; os pais estão desejosos de que seus filhos avancem nas séries de escolaridade; os professores se utilizam permanentemente dos procedimentos de avaliação como elementos motivadores dos estudantes, por meio da ameaça; os estudantes estão sempre na expectativa de virem a ser aprovados ou reprovados e, para isso, servem-se dos mais variados expedientes. O nosso exercício pedagógico escolar é atravessado mais por uma pedagogia do exame que

por uma pedagogia do ensino/aprendizagem, onde o importante é o resultado, e não a qualidade com que se chegou até ele e, principalmente, se este resultado representa que o educando adquiriu os conhecimentos necessários, avaliados.

Com esse tipo de pensamento não subsiste uma educação capaz de formar o pensamento crítico. Para o sistema é muito bom que isso aconteça, pois, como afirma DEMO,

*O sistema descobriu [...] que a crítica sem a prática lhe serve muito, pois incute a idéia de democracia nas idéias. É muito bom que exista o crítico, desde que não seja prático, porque com isto o sistema pode apregoar que não reprime quem tem idéias opostas. Ao contrário, paga-lhe até muito bem. Entretanto, como a crítica não é acompanhada pela devida prática, não só não muda nada, como sobretudo se transforma em troféu do próprio sistema” (1987, p. 98).*

Não existindo a crítica, não há o que contestar e assim, não precisa mudar.

Como conseguir a qualidade com esse pensamento?

É necessário então que a avaliação seja um processo elaborado com qualidade, aplicado com qualidade e, finalmente, que seus resultados estejam voltados para a qualidade, expressando o real aprendido.

A avaliação no contexto universitário deve ser encarada numa perspectiva progressista, seguindo a quarta tendência antes descrita e unindo os modalidades já descritas. Para tanto, primeiramente, ela deve ser baseada na observação, tomada como processo mental e como técnica organizada para medir, descrever, classificar e ordenar. Deve, entretanto, ser sistemática e intencional.

A observação permite um registro fiel e exato dos dados enquanto eles ocorrem, possibilitando, ao avaliador, uma percepção global do que deve ser avaliado, além de facilitar a interpretação dos dados.

SANTANA (1995, p. 106), registra alguns conselhos para uma observação eficiente:

- procurar ser objetivo;
- lembrar de incluir, na observação, dados como: data, local, atividade realizada;
- não se comunicar com o observando;
- levar consigo roteiros para menor dispersão dos dados;
- observar o aluno em situações diferentes;
- registrar só os comportamentos expressivos (essencial);
- observar a conduta em sua totalidade;
- ser imparcial;
- considerar o nível de desenvolvimento do aluno;
- focalizar a atenção nos comportamentos apropriados;
- manter-se em posição discreta;
- observar com freqüência.

Em segundo lugar, a avaliação universitária na perspectiva progressista deve prever a participação do próprio avaliando. Deve-se levar em conta que o aluno é um sujeito capaz de, criticamente, desenvolver suas próprias ações.



Para isso, a avaliação deve ser democrática e isso quer dizer que o professor deve reconhecer os valores e a cultura próprios do aluno.

Uma avaliação democrática será também emancipatória, pois terá em vista a transformação de comportamentos e atitudes, por meio da auto-crítica, libertando o sujeito de condicionamentos deterministas.

Mas, para que a avaliação possa ser eficiente torna-se necessário um olhar sobre o educador-avaliador, no qual, é possível distinguir quatro tipos básicos:

- o avaliador presente ou “padrão”; seguidor crítico do paradigma vigente, enquadrado. Geralmente seu único movimento consiste na procura, para observância, do último modismo pedagógico;
- o avaliador tradicional ou conservador: ativo enquanto seguidor acrítico de tendências ultrapassadas;
- o pseudo-avaliador, avaliador alienado ou escapista: à margem do processo por desconhecimento/despreparo ou medo do desafio;
- o avaliador construtivo ou crítico: analítico, tem domínio do tema e visão do futuro.

É oportuno aqui lembrar que fazer-se professor sem qualquer fundamentação e preparação do mister, ou melhor dizendo, improvisar-se professor faz parte da realidade escolar, notadamente no âmbito do ensino superior. No complexo da avaliação esse despreparo é ainda mais gritante.

Um professor, para bem avaliar, deve levar em conta que a aprendizagem não pode ser mais importante que o ensino mas deve constar das suas

preocupações e para que ela esteja voltada para a qualidade do ensino, é preciso uma intencionalidade. Segundo LUCKESI (1995, p. 102), *“O ser humano age em função de construir resultados. Para tanto, pode agir aleatoriamente ou de modo planejado. Agir aleatoriamente significa ‘ir fazendo as coisas’, sem ter clareza de onde se quer chegar; agir de modo planejado significa estabelecer fins e construí-los por meio de uma ação intencional”*. A avaliação, sendo intencional, necessita também de planejamento, isto é, da definição de ações que consigam abranger um universo cada vez maior no aluno. Assim, a avaliação se caracteriza também como uma forma de controlar a própria qualidade do processo de planejamento educacional.

Em primeiro lugar, ela deve envolver todo o segmento escolar: professores, orientadores, supervisores e diretores. É preciso partir de uma reflexão consensual sobre o ensino dado na escola, para daí escolher os meios. O aluno também deve ser envolvido nesse processo. Seu aproveitamento está diretamente relacionado a sua vivência no processo educativo e ser avaliado faz parte desse processo.

A avaliação deve ser entendida como um processo de crescimento, tanto para o aluno, como para o professor. Parafraseando DEMO (1995), um professor que não encara o seu aluno como parceiro na construção do conhecimento, caracteriza-se apenas como um professor “auleiro” e não como alguém em transformação e disposto a levar seus alunos a se transformarem.

Uma avaliação capaz de medir a qualidade do ensino, deve abranger a criatividade do aluno, seus valores éticos, o ajustamento social, a capacidade intelectual do educando, além do aprendizado puro e simples.

A avaliação deve objetivar também o progresso do aluno em relação ao objetivo dado. Se não houver progresso, não haverá qualidade de ensino. Avaliar deve ter conotação, para o professor, de um constante descobrir. Nesse sentido, torna-se uma ação provocativa devendo abranger um permanente diálogo entre os envolvidos. O professor que não comenta com o aluno os objetivos não alcançados não está avaliando; está apenas colocando o certo e o errado.

Uma avaliação voltada para a qualidade deve medir o grau de concentração do aluno, sua aplicação e seu desempenho. Deve ainda, revelar a competência do currículo escolar assim como o domínio que os professores têm dos objetivos que pretendem alcançar e aí reside a principal importância do planejamento.



### 3. A CLÍNICA INTEGRADA NO CURRÍCULO DE FORMAÇÃO DO ODONTÓLOGO

#### 3.1 - O PAPEL DA CLÍNICA INTEGRADA E A REALIDADE ATUAL

Um curso de Odontologia não pode manter a tônica apenas no ensino teórico. É preciso que o estudante dessa área tenha oportunidade de colocar a teoria em prática. Para isso existe a Clínica Integrada.

A Clínica Integrada objetiva, primeiramente, oportunizar ao aluno a complementação de sua formação, por meio do estágio obrigatório, e, num segundo momento, a fundamentação da formação profissional e humana do educando, reforçando e consolidando o conhecimento técnico-científico e teórico-prático, a habilidade profissional e postura ética do futuro cirurgião-dentista.

Visa fornecer ao aluno uma visão global da clínica odontológica, evitando a polarização de ensino ou uma visão viciosa, de natureza pedagógica, orientando o estudante a especialização prematura. Deve desenvolver o estudo global das necessidades dos pacientes, integrando-se, sob forma de exercício clínico, *"... como estágio, de caráter obrigatório"* (Lei 5.540, de 28 de novembro de 1968 e Parecer 840/70 de 11 de novembro de 1970, Apud Normas e Procedimentais da Clínica Integrada da UTP).

### 3.1.1 - Normas de Procedimento

O Parecer nº 840/70 de 11 de novembro de 1.970,

*Recomenda-se que o início da atividade do aluno (supervisionado), na clínica integrada deva ser precoce. Terá caráter progressivo, o estudante se irá familiarizando com as rotinas do exame, do diagnóstico e do plano de tratamento, ainda que sua participação seja quase simbólica na elaboração dos mesmos. Gradativamente irá assumindo encargos de atendimento, passando a executar tarefas sob sua supervisão, técnicas e procedimentos, já do seu domínio, através da comunicação nos laboratórios e nas demonstrações em pacientes.*

### 3.1.2 - Conteúdo Programático

A Clínica Integrada, engloba grandes áreas de conhecimento da ciência odontológica, tais como Periodontia, Cirurgia, Dentística, Prótese Dentária, Endodontia, nos quais os conteúdos teóricos e técnicas práticas elaboradas pelas disciplinas durante o curso, são vivenciadas numa dimensão integral no que diz respeito ao plano de tratamento e execução dos procedimentos. O processo de avaliação pedagógica, engloba não só a mensuração da formação profissional do educando como também serve de instrumento indicador de retroalimentação de conteúdo programático e de conhecimentos bem como de auto-avaliação das disciplinas específicas, desenvolvidas nos momentos anteriores.

### 3.1.3 - Desenvolvimento de Habilidades Profissionais

O trabalho realizado na Clínica Integrada Objetiva a orientação e avaliação do desenvolvimento das reais habilidades do educando, como fator ulterior às adquiridas ao longo das atividades disciplinares no transcurso do projeto curricular do curso. A avaliação permanente e próxima, durante a realização dos trabalhos, traz condições de revisão e aprimoramento dessas habilidades, aspectos necessários para o profissional de Odontologia, uma vez que os procedimentos exigem do profissional tal característica.

### 3.1.4 - Conduta Ética

O convívio com os colegas, supervisores, funcionários e com os pacientes, deve originar um relacionamento interpessoal intenso durante o desenvolvimento da carga horária, resultando em momento imensurável de oportunidade para se manter uma conduta ética, fator imprescindível na formação do caráter humano e profissional, nas seguintes dimensões:

- com relação ao paciente: o comportamento deve ser não só no aspecto médico, mas visa adquirir uma visão de um *ser humano debilitado que necessita de apoio, atenção e respeito*;
- com relação aos colegas: devido as estratégias orientadas nos procedimentos, as atividades devem alicerçar a importância da



convivência harmoniosa entre profissionais, ajuda mútuas e fraterna, aspectos importantes na formação de uma *sociedade sólida e justa*;

- com relação aos supervisores: no convívio durante o período de clínica, em todos os momentos, pode ser observado o respeito, a busca de orientação e experiência, não só no aspecto profissional em si, mas principalmente no ser *humano como um todo*;
- com relação aos funcionários (técnicos e demais elementos de apoio): a postura de atenção e reconhecimento, deve ser norma de conduta, pois isto vai além da sua formação profissional e assim, o cirurgião-dentista será formado com uma *visão ampla e plena de um ser humano digno, competente e ético* para que possa servir a sociedade naquilo que está sendo preparado.

### 3.1.5 - Objetivos Gerais

A Clínica Integrada tem como objetivos principais:

- Informar e assegurar aos estagiários (acadêmicos), supervisores (professores), e funcionários que participam do processo de atendimento da Clínica Integrada, as normas gerais e específicas ao funcionamento do serviço;
- buscar a integração das áreas de conhecimento, de cunho prático, para atendimento a pacientes. Cada área de atividade é

supervisionada e atendida por professores das disciplinas correspondentes para que a filosofia de trabalho permaneça num clima de continuidade e se preserve o sentido e o Espírito da escola, mantendo-se uma *unidade de ensino com visão holística*.

O Estágio Supervisionado, entretanto, exige dos Supervisores mais do que o sentido simples e único de observar, sanar dúvidas, recuperar, avaliar e orientar no que diz respeito a sua especialidade e formação profissional. A supervisão do estagiário deve ser total em sua atuação de trabalho com visão de futuro profissional odontólogo. O Supervisor deve fornecer orientação ao estagiário, além de sua formação profissional como clínico odontológico, mas uma *visão ampla e plena do ser humano*, digno, competente e ético.

### **3.1.6 - Supervisão do Estágio**

O estágio supervisionado, implica aos professores correspondentes, mais do que o sentido simples e único de observar, sanar dúvidas, avaliar e orientar no que diz respeito a sua especialidade e formação profissional (aspecto tecnicista). A supervisão do estagiário na totalidade de sua atuação de trabalho (aspecto ético/político), deve ter uma visão do futuro odontólogo.

Nesta dimensão cabe ao Supervisor desenvolver sua prática educativa no espaço da clínica tendo por tarefa a transmissão de conhecimento, envolvendo um aspecto criativo ou informativo, visando o atendimento de pacientes, e

como resultado a transformação do educando e a sua própria, em um processo de contínua reciclagem, por meio de “*feedback*” permanente.

Os supervisores serão assim, agentes de transformação, ajudando na formação da pessoa humana em sua totalidade, alicerçando seu caráter, reconstruindo sua integridade no seu pensar, sentir e agir, tendo a dignidade ética como sedimento e suporte para toda e qualquer iniciativa de cooperação programática e interdisciplinar, aspectos importantes para a formação profissional que visa o homem em sua realidade global.

A tarefa mais ampla e radical como educadores — formadores de pessoas, é, sem sombra de dúvida a de resgatar valores éticos, salientar nossos interesses como participantes de uma sociedade e resgatar a dignidade do ser humano. Como afirma TAQUES JR., “*Do horizonte sombrio abre-se um porvir quando se restabelece aquilo que mais sólido compõe o homem: sua dignidade como ser humano.*”

Cabe ao Supervisor, a orientação ao estagiário que vai além da formação profissional de *cirurgião dentista clínico geral*, para uma visão ampla e plena de um ser humano digno, competente e ético que possa servir a sociedade naquilo que está sendo preparado.

Sabe-se que a formação especializada, dentro das diversas áreas da Odontologia só será possível com a formação apropriada nos cursos de especialização, mestrado e/ou doutorado, não sendo este o momento próprio para atingir este objetivo.

O supervisor terá então, sob sua orientação e responsabilidade, estagiários, dentro de um *contexto de divisão entre os supervisores*. Neste trabalho o professor



supervisionará seus estagiários a partir do exame inicial do paciente, orientando o plano de tratamento, execução e alteração, se houver necessidade, até a alta do paciente.

O supervisor terá, desta maneira, condições de acompanhar a caminhada dos supervisionados a cada passo, avaliar e atribuir uma nota que refletirá o progresso e a desenvoltura dos trabalhos determinados pelo plano de tratamento, bem como o crescimento pessoal de cada aluno, visando a formação não apenas do profissional, mas, antes de tudo do ser humano.

Os supervisores terão portanto as seguintes atribuições:

- supervisionar e orientar o atendimento dos pacientes;
- supervisionar e orientar os estagiários sob sua responsabilidade;
- orientar seminários, aulas teóricas, discussões e apresentação de casos de clínicos, conforme solicitação;
- controle de frequência;
- avaliar os estagiários sob sua responsabilidade direta;
- avaliar outros alunos quando solicitado para qualquer intervenção.

### **3.1.7 - A Avaliação na Clínica Integrada**

Dentro das normas procedimentais da Clínica Integrada do Curso de Odontologia da Universidade Tuiuti do Paraná, o sistema de avaliação obedece os seguintes critérios:

- O estagiário (supervisionado) será avaliado segundo os seguintes critérios:

⇒ pelos procedimentos práticos executados;

⇒ por meio de avaliações teóricas, bimestrais;

⇒ sob conceito, englobando sua conduta, interesse, conhecimento, apresentação, assiduidade, cuidado com o equipamento, habilidade.

Tais critérios dizem respeito a avaliação do supervisor, envolvendo desde a conduta, até o procedimento em si realizado a cada momento da clínica.

A nota é atribuída por meio de avaliações de cunho teórico, realizado bimestralmente, sob assuntos inerentes as áreas que englobam as práticas da clínica integrada.

As perguntas de conteúdo objetivo e caráter prático, abrangem todas as áreas de conhecimento envolvidas no conteúdo programático da Clínica Integrada, respeitando-se um maior número de questões para a área enfocada e reciclada a cada bimestre.

A cada mês ou bimestre é feita reciclagem ou retroalimentação, em aula teórica, (dentro da carga horária global), dos assuntos das respectivas áreas de conhecimento, dentro do conteúdo programático da clínica Integrada. A finalidade desta estratégia pedagógica é rever teoricamente e de maneira sucinta, os assuntos abordados nas diversas áreas, em consonância com os trabalhos práticos realizados em ambulatório da clínica, apontados nas avaliações institucionais realizadas.

Além desses assuntos outros devem ser abordados, de acordo com a necessidade diagnosticada durante o transcurso do ano letivo. Esses momentos devem ter seus horários definidos e assumidos entre os supervisores e estagiários.

A avaliação é realizada por qualquer um dos supervisores, representada pelo acompanhamento de trabalhos específicos, quando solicitado, bem como qualquer fato que releve este procedimento, tais como os já definidos nos itens descritos.

É importante frisar que os conceitos (revertidos em nota prática), atribuídos pelos supervisores, levam em conta, além do trabalho realizado, a aparência, assiduidade, material/instrumental, conduta, relacionamento com pacientes, colegas, professores e funcionários, conduta ética e habilidade.

Ao final de cada bimestre, todos os conceitos (convertidos em notas=NC), dados pelos supervisores, fornecem uma média que somada a nota do supervisor=NS, definido para cada estagiário, resulta em uma média prática=MP.

A nota teórica=NT em somatória com a média prática, acarreta em uma média final=MF do bimestre.

A aprovação na Clínica Integrada depende:

- de alcançar a média de 7,0 (sete) para aprovação por média e 5,0 (cinco) com direito a exame final;
- de alcançar a média 5,0 (cinco) em exame final. A nota final deve ser a média da prova final e a atingida pelos bimestres devendo ser pelo menos 5,0 (cinco);



- de cumprir no mínimo 432 (quatrocentos e trinta e duas) horas efetivas de trabalhos em clínica;
- de apresentar pelo menos 02 (duas) altas no primeiro semestre e 03 (três) no segundo.

A mensuração dos itens envolvidos pode, entretanto, tornar-se um problema, pois, como ser justo sem atender a todos os supervisionados? Por exemplo, se um supervisor tem uma postura mais exigente quanto a aos itens solicitados e o professor tem uma postura mais branda, a média final dos alunos será diferente, podendo haver distorções importantes.

Para mudar essa realidade será necessário a criação de um mecanismo capaz de impor alguns parâmetros mais objetivos para a avaliação das atividades do aluno, de forma mais igual, de forma a envolver todos os supervisores e professores da Clínica Integrada.

### **3.2 - A CLÍNICA INTEGRADA SOB O PONTO DE VISTA TEÓRICO**

Pelo exposto acima, pôde-se compreender que a Clínica Integrada nada mais é do que o estágio supervisionado obrigatório para a conclusão do Curso de Odontologia, como seria o desenvolvimento de aulas práticas, em colégios da região, para estudantes de cursos de magistérios ou o desenvolvimento de

atividades em empresas, para a conclusão de cursos como o de Administração. Trata-se, portanto, da atuação prática da futura profissão.

Originada da tentativa de reversão da especialização precoce nos cursos de Odontologia, a Clínica Integrada busca um ensino integrado de especialidades para a formação do clínico geral, integrando ações e atividades para uma reflexão e crítica da realidade da saúde bucal da população. Conhecendo a realidade, o odontólogo saberá situar sua prática.

As atividades desenvolvidas pela Clínica Integrada, devem, segundo SILVA & MINELLI ((1983, p. 73), "... refletir as peculiaridades de cada comunidade onde funciona a escola. Assim, um trabalho nesse sentido deve consistir na realização de atividades planejadas e orientadas pelos educadores". A produtividade e a qualidade do tratamento prestado pela Clínica Integrada dependerão do planejamento das atividades e da orientação dos professores.

O ensino odontológico não pode tender para o excesso de tecnicismo. "... teoria e prática deverão caminhar juntas...", afirmam DARUGE & MASSINI (1978, p. 313). Mas o sentido ético da profissão e o desenvolvimento de atividades que fortaleçam sua responsabilidade social, também devem ser contemplados. A parte técnica da profissão é mais fácil de ser conseguida que a conscientização da responsabilidade social do odontólogo. Este profissional deve ainda compreender, que os seus relacionamentos interpessoais e a compreensão de si mesmo o levarão a compreender melhor o seu paciente, mantendo com ele, uma relacionamento humano antes de um relacionamento profissional. Estas são algumas das razões para a necessidade de existência do estágio curricular em geral e da Clínica Integrada em particular. Outras, fáceis de referir e de demonstrar, levam a

compreender que o estágio curricular apresenta-se como de suma importância para a formação do profissional.

Por isso, faz-se necessário uma explanação teórica do estágio curricular em geral, abrangendo, em seguida, o estágio em odontologia.

### **3.2.1 - O Estágio Curricular**

A experiência de trabalho adquirida durante o estudo é pré-requisito para uma pessoa começar a exercer a sua profissão. Além disso, compreende-se que a melhor maneira de iniciar uma prática é por meio da experimentação. O estágio curricular é um dos veículos que oportuniza esta experimentação. "Todo o saber de alguma maneira é útil à prática", diz COSTA (s/d). O saber adquirido durante o estágio curricular, é diferente do saber teórico, pois é apreendido na vivência cotidiana da prática.

Partindo do princípio de que só se aprende determinadas técnicas, executando-as, compreende-se a necessidade do estágio curricular.

Significando aprendizado prático, podemos conceituar a palavra estágio em toda a sua amplitude como um procedimento didático-pedagógico, que funciona como instrumento de integração do estudante ao mundo do trabalho, em termos de aperfeiçoamento teórico-cultural-científico e de relacionamento humano, aprendizado este progressivo, seguindo o princípio de dificuldades e complexidades crescentes, do papel do futuro profissional.



Mais que uma prática de ensino, o estágio deve ser analisado enquanto um momento de aplicação de conhecimento reais.

Diferencia-se da aula prática tanto por causa do local quanto por seus objetivos. A aula prática é dada dentro da sala de aula, o estágio em ambiente real de trabalho. Na aula prática o aluno imagina a situação de trabalho. No estágio ele vivencia o próprio trabalho. Na aula prática o aluno é só aluno, enquanto que no estágio ele, se não é ainda um profissional, está no exercício da sua futura profissão.

O estágio é de competência da instituição de ensino que determina as condições da sua realização.

Em geral, é desenvolvido em empresas públicas ou privadas que tenham condições de propiciar oportunidade de experiência prática da linha de formação, em situações reais de trabalho, regido por leis e definidas em Termos de Compromisso, formalizado entre a instituição de ensino e a empresa, e, portanto, passível de fiscalização. No caso Curso de Odontologia da UTP, a oportunidade é dada por meio da Clínica Integrada, facilitando a vivência do aluno e propiciando um relacionamento mais íntimo entre o supervisor e o supervisionado.

O estágio deve ter por meta dar aos futuros profissionais condições para uma rápida absorção pelo mercado de trabalho.

Destaca-se como fundamental a realização dos estágios pois existe a necessidade de praticar-se a teoria recebida nas salas de aula. O ensino teórico pode oferecer uma formação incompleta ao aluno, tornando necessária a experiência sob a forma de atividade prática. É uma complementação do processo ensino-aprendizagem.

O estudo teórico e a atividade prática, num só processo, como parte da educação integral, aliam, uma feliz combinação, o desenvolvimento de todas as potencialidades do estudante. Nesse caso, aliam-se os critérios humanistas e instrumental da formação universitária obtida na ação, na experiência, perfazendo-se no contexto de vivência e de realização pessoal.

Esta atividade oferece uma gama muito grande de possibilidades a serem utilizadas pelo aluno.

No entanto, é necessário que exista a integração entre a instituição de ensino e empresa. No caso do Curso de Odontologia da UTP, esta integração deverá existir entre as aulas teóricas e as aulas práticas, pois fazem parte da mesma instituição.

A experiência prática, por menor que seja, vai demonstrar ao aluno, um outro aspecto que não é visto na sala de aula: a marcha da evolução tecnológica. Por outro lado, o contato com o ser humano e as dificuldades do dia-a-dia, ajudarão o aluno a encontrar caminhos para superá-las, quando do exercício da profissão.

Isto mostra que também a instituição de ensino ganha com o estágio dos seus alunos. As faculdades, tidas como teóricas e fechadas não conseguem acompanhar o ritmo das transformações. E isso é uma constatação. Assim, o estágio é uma via de mão dupla: o estagiário traz a bagagem de conhecimentos técnico adquiridos nas salas de aula e levam as respostas da sociedade para dentro das salas de aula.

O estágio pode ainda proporcionar, uma avaliação do próprio curso. Como afirma MELLO (1993):

*... é necessário que os resultados do trabalho das escolas sejam constantemente avaliados segundo critérios bem definidos e comparáveis, para que todos — direção, professores, estudantes, famílias, comunidades, governo — saibam o que está sendo conseguido ou não, e a que preço; [...] que todos os participantes sejam informados dos resultados desta avaliação, e estimulados a apoiar e influenciar as escolas para que obtenham resultados cada vez melhores.*

Neste processo, o estagiário pode ser um dos instrumentos de avaliação e crítica dos resultados do trabalho da escola, pois o momento do estágio é a primeira oportunidade de se aliar a prática à teoria. Compreende-se que o estágio, sendo supervisionado, os supervisores devem auxiliar o estagiário na procura de caminhos para a avaliação do desempenho da escola. Por sua vez, o estagiário procederá essa avaliação junto aos outros envolvidos no processo, como os pacientes, famílias, comunidades, etc.

É a oportunidade do aluno-estagiário iniciar sua atuação crítica, visando sua prática profissional futura. É a oportunidade da investigação.

Mas há também a questão do próprio supervisor do estágio.

Segundo OTT & OUTROS (s/d), *“Este, freqüentemente, procura encontrar em modelos metodológicos já organizados, as soluções para os problemas de uma realidade que ele próprio conhece de forma superficial”*.

Levando-se em conta que cada paciente contém uma realidade diferente do outro, certamente as soluções para os possíveis problemas e a avaliação do trabalho desenvolvido não serão encontradas prontas em nenhuma metodologia. Por isso o estágio proporciona a oportunidade da investigação.

Nas teorias a realidade é preconcebida. Na prática, as atividades desenvolvidas deparam-se com situações novas a cada dia e que requerem



soluções momentâneas, ou, pelo menos, diferentes das já formuladas pelas teorias. São estas situações que levam ao conhecimento da realidade da prática profissional. O estagiário, ao vivenciar tais situações, necessita da orientação do seu supervisor para encontrar os caminhos que levam às soluções apropriadas para cada caso, pois estas, não estão definidas nas teorias por ele estudadas.

A investigação do aluno-estagiário, seguido de perto pelo seu supervisor, lhe dará suporte para enfrentar situações análogas ao longo de sua vida profissional.

*Profissionais, preparados nesta dinâmica curricular têm mais possibilidades de adquirir mobilidade e autonomia intelectual, capacidade de compreender e de interagir com o ambiente, com a variedade de informações de nossa época e com os diferentes grupos humanos, bem como formular e estudar novos problemas e alternativas, captando as complexas relações do mundo do trabalho na sociedade em que vivem (OTT & outros, s/d).*

A Clínica Integrada, é vista como um recurso terminal para que o aluno de odontologia complete a sua formação integral. Nela, "... procede-se ao tratamento integrado do paciente, e por ele o aluno desenvolve seus conhecimentos de diagnósticos, realizando também os trabalhos clínicos de uma forma global" (MINELLI & SILVA (1981, p. 55). É a oportunidade do aluno demonstrar, na prática, o que aprendeu na teoria.

Todas as áreas da ciência odontológica devem ser contempladas por essa prática.

Deve ainda discutir temas como: análise crítica do quadro de saúde bucal e de propostas modificadoras; níveis de prevenção; aplicações de medidas preventivas de caráter individual e coletivo em saúde; simplificação de técnicas e

procedimentos e desmonopolização do saber odontológico; levar o odontólogo a ser um clínico geral com domínio atualizado de técnica, mas resgatando o caráter humanista e pessoal da relação profissional-paciente.

A prática realizada na Clínica Integrada é realizada para que o aluno venha não só a dominar situações referentes às áreas e temas acima elencados, mas também para prepará-lo para atingir os objetivos do ensino odontológico, os quais, valem aqui ser lembrados:

- a) capacitar o aluno para preservar a saúde oral e a tratar as doenças, alterações e anomalias da boca e compreender as relações entre os estados de saúde oral e geral e a doença;
- b) levar o aluno a cooperar com as pessoas que prestam serviços em campos afins;
- c) manter um vivo interesse em acompanhar a evolução da profissão depois de terminado o curso;
- d) exercer a profissão levando em conta suas implicações sociais, econômicas e éticas;
- e) atuar eficazmente na vida da coletividade.

Para isso, é necessário cuidar para que o futuro odontólogo, venha a exercer sua futura profissão com confiança e autonomia. Nesse sentido, CARVALHO (1995, p. 67), recomenda que o período de estágio deva:

- respeitar à própria velocidade de aprendizagem do aluno;
- dar precisão aos objetivos em cada unidade;
- empregar aulas teóricas e demonstrações como veículos de motivação, ao invés de fontes de informações;
- dar ênfase à comunicação escrita entre alunos e professores.

Isto, além de melhorar o relacionamento entre alunos e professores, dará oportunidade ao estudante de passar de um estágio imaturo para um estágio de independência, autonomia e autoconfiança.

O odontólogo deve aprender a ter confiança em si mesmo para poder repassar essa confiança para o seu paciente. Nesse sentido, BARROS (1991, p. 39), afirma: *“O simples ‘olhar’ é fator de confiança. Falar com o paciente encarando-o de frente, procurar fixar o olho em sua raiz nasal, expondo o assunto com o menor número de palavras possível, e de maneira convincente, é meio persuasivo, seguro”*.

É somente a partir da experiência que o ser humano aprende e aí reside a principal importância das atividades da Clínica Integrada.



#### 4. MATERIAIS E MÉTODOS

Com o intuito de conhecer a realidade da Clínica Integrada, no tocante a avaliação, bem como verificar o ponto de vista de professores e alunos, formulou-se um questionário (anexo I) que foi respondido por 26 de um universo de 40 alunos, da Clínica Integrada da Universidade Tuiuti do Paraná e 32 professores, dentre 70, (anexo II) do Curso da mesma universidade, todos voluntários.

A adoção do questionário como instrumento de coleta de dados deste estudo mostrou ser o encaminhamento metodológico mais adequado, tendo em vista opção por experimentação empírica junto a uma classe de alunos e professores. O questionário foi elaborado a partir do referencial teórico e validado por especialista em avaliação.

Considerando o interesse em colher a perspectiva discente com maior vivência do processo avaliativo na universidade, optou-se pela aplicação do questionário a estudantes da última série.

Este instrumento de coleta (anexo I) constou de cinco questões centrais, quatro fechadas e uma aberta.

A questão nº 1 do instrumento (Concepção de avaliação pelo aluno) foi construída livremente a partir do referencial teórico com ênfase à contribuição discente, constituindo uma coletânea seletiva (*check list*) das idéias mais freqüentemente associadas com a avaliação no ensino. A análise desse rol viabilizou a emergência de quatro categorias de 'atributos', a saber :

1. Pressupostos gerais da avaliação percebida;
2. Características da relação professor-aluno no processo de avaliação;
3. Aspectos contextuais formais da avaliação percebida;
4. Aspectos atitudinais do aluno no processo de avaliação.

Nessas categorias foi possível classificar, para fins de tabulação e análise, os 28 elementos propostos ao aluno para relacionamento com o tema avaliação.

A questão nº 2 (Formas predominantes de instrumentos de avaliação no Curso) foi elaborada em conformidade com o instrumental básico de avaliação do curso pesquisado constante no plano de ensino dos professores.

A questão nº 3 (Instrumentos de avaliação predominantes na clínica integrada) foi instituída para verificar a percepção do aluno em relação ao último ano do curso.

As questões de nºs 4 e 5 objetivaram promover a contribuição do aluno, levantando suas propostas para melhoria da prática avaliativa.

Após aprovação do instrumento mediante a realização de pré-teste com 3 alunos do Curso envolvido, 26 questionários foram aplicados pessoalmente pelo pesquisador, em ambiente de ensino, junto aos alunos da disciplina de Estágio, sendo previamente ressaltada ao aluno a significância de seu envolvimento ativo no pensar e no fazer pedagógico inerente à sua formação.

Para analisarmos a perspectiva docente elaborou-se um questionário (anexo II) composto de 4 questões centrais, três fechadas e uma aberta.

A questão nº 1 do instrumento (Como os professores avaliam os seus alunos na Clínica Integrada), foi construída livremente baseada no referencial teórico, constituindo-se de uma coletânea seletiva ("check-list"), das formas mais freqüentes de avaliação no ensino superior.

A questão nº 2 (Você ministra aulas para alunos durante os primeiros anos do curso) visa buscar se existe diferenças de modos de avaliar os alunos dos primeiros anos e do último ano do curso em questão.

A questão nº 3 (Você se considera durante a graduação um professor) foi incluída para entendermos como o professor se sente no processo de ensino.

O item nº 4 (O que você sugeriria como instrumento de avaliação para os futuros colegas de profissão que tem um relacionamento direto com a saúde da população), visa levantar dados para, quem sabe, propor alterações na prática avaliativa diária dos professores.

Contamos com a colaboração de três professores do curso de odontologia para um pré-teste, objetivando a validação deste instrumento. Após, foi respondido por 32 professores do curso de odontologia.

#### **4.1 - DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA REALIDADE**

O Curso de Odontologia da Universidade Tuiuti do Paraná - UTP, encontra-se em início de funcionamento, tendo formado a sua primeira turma no ano de 1997.



A turma analisada foi a primeira a ingressar na Instituição para cursar Odontologia, sofrendo portanto alguns problemas inerentes a implantação de um curso. Mas, ao mesmo tempo que estes alunos enfrentaram algumas dificuldades, eles tiveram a oportunidade de opinar com bastante freqüência a respeito do melhor funcionamento do curso sob o ponto de vista discente, pois por ser uma faculdade “nova” está aberta a sugestões tanto do corpo discente como docente, acatando sugestões para novas metodologias de ensino, sem as raízes tradicionais difíceis de serem removidas.

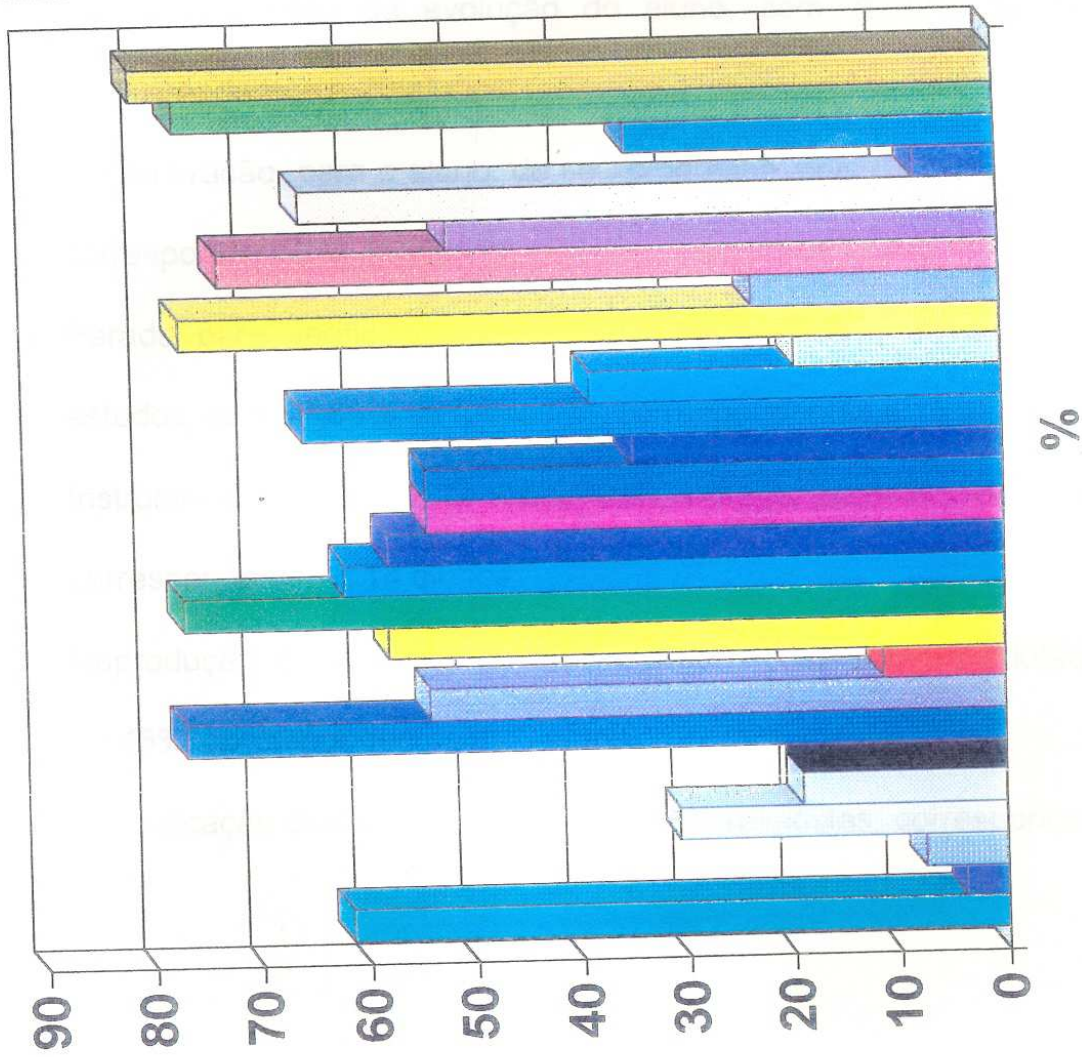
#### **4.2 - LEVANTAMENTO DOS DADOS**

Como o intuito de comparar o resultado dos dados entre alunos e professores, faz-se mister analisar primeiro, a questão relacionada aos professores: Como os professores da Clínica Integrada avaliam os seus alunos?

Quadro I - A Avaliação na Clínica Integrada vista pelo Aluno

QUESITO	FREQ	%
Compromisso sério com a aprendizagem	21	80,76
Oportunidade para aprender	20	76,92
Relacionamento positivo professor-aluno	20	76,92
Verificação do desempenho global do aluno	20	76,92
Acompanhamento da evolução do aluno	20	76,92
Participação do aluno no processo decisório	19	73,07
Atendimento a necessidades do aluno	17	65,38
Diálogo com o professor	17	65,38
Respeito/consideração pelo aluno	16	61,63
Comprovação, para o aluno, de seu progresso	16	61,53
Parte natural do dia-a-dia do ensino	15	57,69
Parada para verificação, pelo e para o professor, do andamento dos estudos	15	57,69
Memorização e esforço	14	53,84
Compromisso agendado	14	53,84
Instrumento auxiliar do ensino	14	53,84
Fiscalização do professor	16	51,63
Reprodução do pensamento do professor e dos autores adotados	10	38,46
Sentimentos aversivos (medo, ansiedade, frustração, injustiça, indiferença, descrença).	9	34,61
Julgamento do aluno	9	34,61
Cumprimento de requisito burocrático	8	30,76
Arbitrariedade e subjetividade do professor	6	23,07
Ritual disciplinador	5	19,23
Decisão do destino do aluno	5	19,23
Manifestação de autoridade do professor	5	19,23
Classificação dos alunos	3	11,53
Tentação da cola	2	7,69
Desforra do professor	2	7,69
Verificação centrada na nota	1	3,84

# Gráfico I - A Avaliação na Clínica Integrada Vista pelo Aluno



Comprovação, para o aluno, de seu progresso

Verificação centrada na nota

Desforça do professor

Cumprimento de requisito burocrático

Manifestação de autoridade do professor

Decisão do destino do aluno

Oportunidade para aprender

Memorização e esforço

Classificação dos alunos

Parte natural do dia-a-dia do ensino

Acompanhamento da evolução do aluno

Respeito/consideração pelo aluno

Parada para verificação, pelo e para o professor, do andamento dos estudos

Compromisso agendado

Instrumento auxiliar do ensino

Julgamento do aluno

Diálogo com o professor

Reprodução do pensamento do professor e dos autores abtados

Ritual disciplinador

Verificação do desempenho global do aluno

Arbitrariedade e subjetividade do do professor

Participação do aluno no processo decisório

Fiscalização do professor

Atendimento a necessidades do aluno

Tentação da cola

Sentimentos aversivos (medo, ansiedade, frustração, injustiça, indiferença, descrença)

Relacionamento positivo professor-aluno

Compromisso sério com a aprendizagem

%



Pode-se analisar esses dados, em quatro categorias: pressupostos gerais da avaliação; características da relação professor-aluno no processo de avaliação; aspectos contextuais formais da avaliação; e aspectos atitudinais do aluno no processo de avaliação.

No primeiro caso temos:

- Compromisso sério com a aprendizagem, com 80,76% de respostas, correspondentes a 21 alunos.
- Verificação global do desempenho do aluno, com 76,92% de respostas, correspondentes a 20 alunos;
- Acompanhamento da evolução do aluno, com 76,92% de respostas, correspondentes a 20 alunos;
- Comprovação, para o aluno, de seu progresso, com 61,53% de respostas, correspondentes a 16 alunos;
- Parada para verificação, pelo e para o professor, do andamento dos estudos, com 57,69% de respostas, correspondentes a 15 alunos;
- Instrumento auxiliar de ensino, com 53,84% de respostas, correspondentes a 14 alunos;
- Reprodução do pensamento do professor e dos autores adotados, com 38,46%, correspondentes a 10 alunos;
- Classificação dos alunos, com 11,53% de respostas, correspondentes a 3 alunos;

Na segunda categoria encontramos:

- Relacionamento positivo professor-aluno, com 76,92% de respostas, correspondentes a 20 alunos;
- Participação do aluno no processo decisório, com 73,07% de respostas, correspondentes a 19 alunos;
- Diálogo com o professor, com 65,38% de respostas, correspondentes a 17 alunos;
- Atendimento a necessidades do aluno, com 65,38% de respostas, correspondentes a 17 alunos;
- Respeito/consideração pelo aluno, com 61,53% de respostas, correspondentes a 16 alunos;
- Arbitrariedade e subjetividade do professor, com 23,07% de respostas, correspondentes a 6 alunos;
- Manifestação de autoridade do professor, com 19,23% de respostas, correspondentes a 5 alunos;
- Desforra do professor, com 7,69% de respostas, correspondentes a 2 alunos

Na terceira categoria podem ser arrolados:

- Oportunidade para aprender, com 76,92% de respostas, correspondentes a 20 alunos;
- Compromisso agendado, com 53,84% de respostas, correspondentes a 14 alunos;

- Fiscalização do professor, com 51,63% de respostas, correspondentes a 16 alunos;
- Julgamento do aluno, com 34,61% de respostas, correspondentes a 9 alunos;
- Cumprimento de requisito burocrático, com 30,76% de respostas, correspondentes a 8 alunos;
- Ritual disciplinador, com 19,23% de respostas, correspondentes a 5 alunos;
- Decisão do destino do aluno, com 19,23% de respostas, correspondentes a 5 alunos.
- Verificação centrada na nota, com 3,84% de respostas, correspondentes a apenas 1 aluno.

Na quarta e última categoria temos:

- Parte natural do dia-a-dia do ensino, 57,69% de respostas, correspondentes a 15 alunos;
- Memorização e esforço, com 53,84% de respostas, correspondentes a 14 alunos;
- Sentimentos aversivos (medo, ansiedade, frustração, injustiça. Indiferença, descrença), com 34,61% de respostas, correspondentes a 9 alunos.
- Tentação de cola, igualmente com 7,69% de respostas;



Pode-se verificar que a maior incidência de respostas, 80,76%, correspondentes a 20 alunos, recaiu no item “Compromisso sério com a aprendizagem”, classificado na primeira categoria. Outros quesitos desta categoria que mereceram incidência de respostas da maioria dos alunos foram: Verificação global do desempenho do aluno, com 76,92%; Acompanhamento da evolução do aluno, com 76,92%; Comprovação, para o aluno, de seu progresso, com 61,53%; Parada para verificação, pelo e para o professor, do andamento dos estudos, com 57,69%; e Instrumento auxiliar de ensino, com 53,84% de respostas. Isto vai ao encontro das respostas dos professores que, pelos dados levantados, procuram atender aos princípios básicos da avaliação, apontados no desenvolvimento teórico deste trabalho.

Na segunda categoria os quesitos de maior incidência foram: Relacionamento positivo professor-aluno, com 76,92% de respostas; Participação do aluno no processo decisório, com 73,07%; Diálogo com o professor, com 65,38%; Atendimento a necessidades do aluno, com 65,38%; e Respeito/consideração pelo aluno, com 61,53% de respostas, correspondentes a 16 alunos. Estas respostas mostram a existência de alguns atos autoritários dos professores, uma vez que dois quesitos mereceram respostas de pouco mais de metade dos alunos entrevistados. Mesmo assim, é preciso rever a postura dos professores frente a avaliação dos seus alunos.

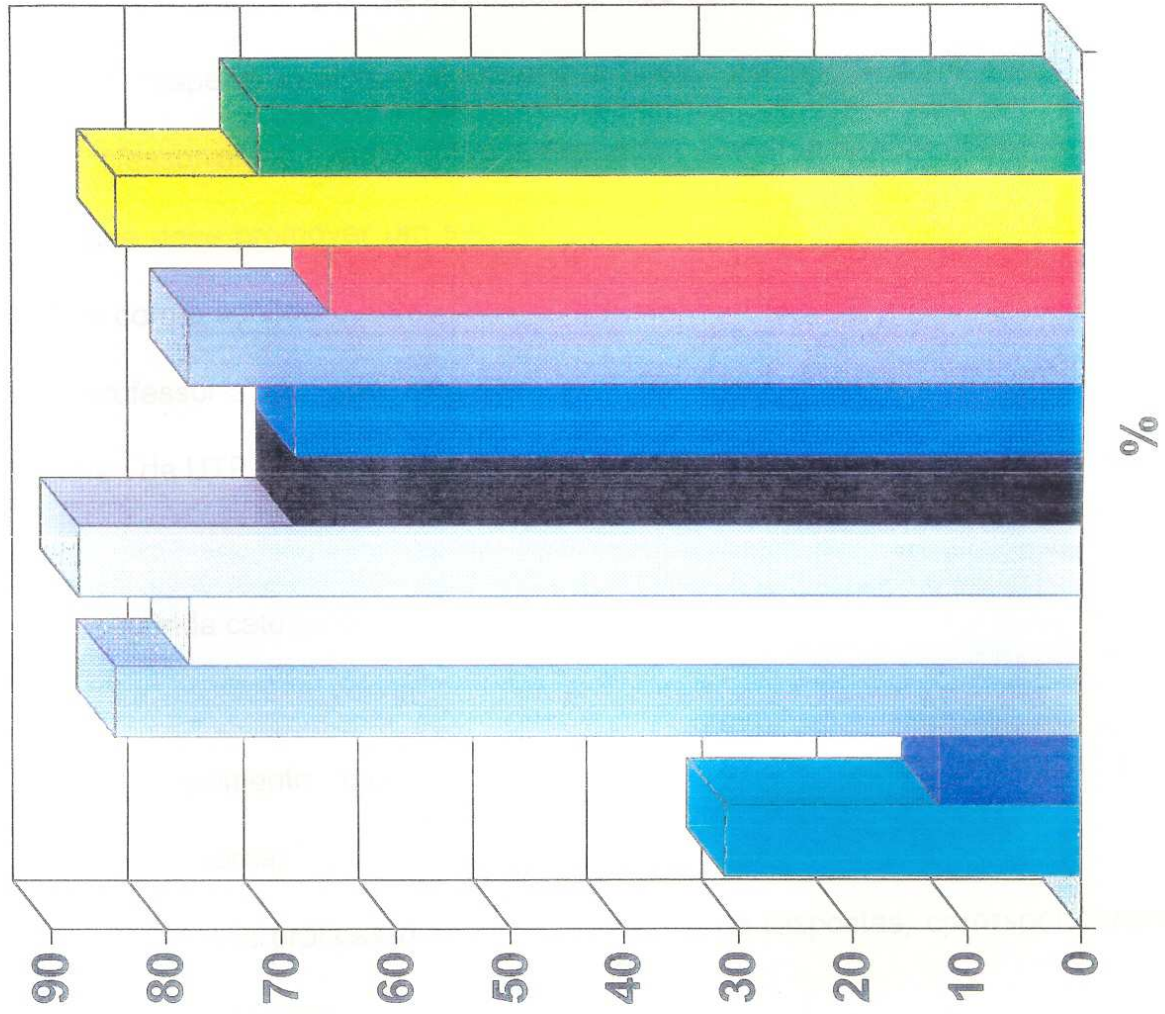
Nos outros itens não houve maior incidência.

Vejamos agora, como os professores da Clínica Integrada avaliam seus alunos.

**Quadro II - Avaliação dos Alunos pelos Professores na Clínica Integrada**

QUESITO	FREQ	%
Conhecimento técnico-científico	28	87,5
Atividades práticas diárias	27	84,37
Instrumental	26	81,25
Habilidade operatória	25	78,12
Conduta ética	25	78,12
Atenção ao paciente	25	78,12
Comportamento	23	71,87
Indumentária	23	71,87
Respeito com o professor	22	68,75
Respeito com os colegas	22	68,75
Horário	21	65,62
Formação cultural	16	50
Formação moral	16	50
Formação humana	16	50
Provas escritas discursivas	12	37,5
Provas objetivas	12	37,5
Seminários	12	37,5
Provas Orais	10	31,25
Auto-avaliação	10	31,25
Trabalhos de pesquisa	9	28,12
Amizade	4	12,50

**Gráfico II - Avaliação dos Alunos pelos Professores na Clínica Integrada**



Auto-avaliação

Amizade

Atividades práticas diárias

Habilidade operatória

Conhecimento técnico-científico

Respeito com o professor

Respeito com os colegas

Atenção ao Paciente

Horário

Instrumental

Comportamento



Pode-se analisar este resultado, sob três diferentes categorias: relação professor-aluno no processo de avaliação, aspectos contextuais formais da avaliação e aspectos atitudinais do aluno no processo de avaliação.

Na primeira categoria encontram-se:

- Respeito com o professor, com 68,75% de respostas, correspondentes a 22 professores;
- Amizade, com 12,50% de respostas, correspondentes a 4 professores.

Este resultado é altamente positivo, pois, o item Amizade, que teve apenas 4 respostas, denota que o professor sabe que não pode avaliar o seu aluno baseado na amizade que tem por ele. Se assim fosse, isso seria um componente negativo da avaliação. O respeito do aluno para com o professor demonstra a importância que a relação professor-aluno exerce sobre a avaliação. Como já foi dito anteriormente, a universidade deve promover um ser humano capaz de entender e de assumir suas atividades com o sentido de uma autêntica práxis. Um dos requisitos para isso, é a relação professor-aluno que, segundo este resultado, é bem considerado pelos professores da UTP.

À segunda categoria corresponde:

- Conhecimento técnico-científico, com 87,5% correspondentes a 28 professores;
- Atividades práticas diárias, com 84,37% de respostas, correspondentes a 27 professores;

- Habilidade operatória, com 78,12, correspondentes a 25 professores;
- Formação cultural, com 50% de respostas, correspondentes a 16 professores;
- Formação moral, com o mesmo resultado do item anterior;
- Formação humana, também com esse mesmo resultado.
- Provas escritas discursivas, com 37,5% de respotas, correspondentes a 12 professores;
- Provas orais, com 31,25% de respostas, correspondentes 10 professores;
- Provas objetivas, com o mesmo resultado acima;
- Seminários, também o mesmo resultado;
- Auto-avaliação, com 31,25% de respostas, correspondentes a 10 professores;
- Trabalhos de pesquisa, com 28,12% de respostas, correspondentes 9 professores;

Nesta categoria, um componente representativo do autoritarismo — provas escritas discursivas — não mereceu alta porcentagem de respostas: 12 (37,5%), o que demonstra que os professores têm conhecimento de que é o conjunto de quesitos que devem compor a avaliação do desempenho do aluno na Clínica Integrada.

É bom lembrar, que a Clínica Integrada deve preparar o aluno para o cotidiano da prática odontológica. Por isso, os quesitos Atividades práticas diárias

e Conhecimento técnico-científico, devem merecer maior atenção, como de fato ocorreu nesta pesquisa, cada um merecendo 84,37% e 87,5% de respostas, respectivamente.

Os demais itens da categoria, corroboram com o sentido de que, para os professores, a avaliação não serve apenas para dar uma nota ao aluno, mas principalmente para ajudar o aluno a progredir e desenvolver-se em seu crescimento pessoal.

Na terceira categoria estão incluídos os itens:

- Instrumental, com 81,25% de respostas, correspondentes a 26 professores;
- Atenção ao paciente, com 78,12% de respostas, correspondentes a 25 professores;
- Conduta ética, com 78,12% de respostas, correspondentes a 25 professores.
- Respeito com os colegas, com 68,75% de respostas, correspondentes a 22 professores;
- Horário, com 65,62% de respostas, correspondentes a 21 professores;
- Comportamento, com 71,87% de respostas, correspondentes a 23 professores; e
- Indumentária, com o mesmo resultado do item anterior;

Destaca-se nesta categoria, a conduta ética, sendo ela um item de suma importância para a prática odontológica. Na Clínica Integrada da UTP este é um



fator que, sem dúvida, o professor leva em consideração ao avaliar seu aluno, uma vez que mereceu 78,12% de respostas.

É importante frisar, que a avaliação deve focar também a aparência, assiduidade, material / instrumental, conduta, relacionamento com pacientes, colegas, professores e funcionários, conduta ética e habilidade, como bem perceberam os professores pesquisados, segundo constato pelas respostas dadas.

Pelo conjunto de respostas dos professores, pode-se concluir que a avaliação por eles realizada, é condizente com os princípios básicos de avaliação, referenciados anteriormente neste trabalho, como por exemplo o que afirma que a avaliação não pode ser baseada em um único aspecto, devendo ser abrangente.

Quanto aos instrumentos de avaliação, veja-se as respostas dadas pelos professores:

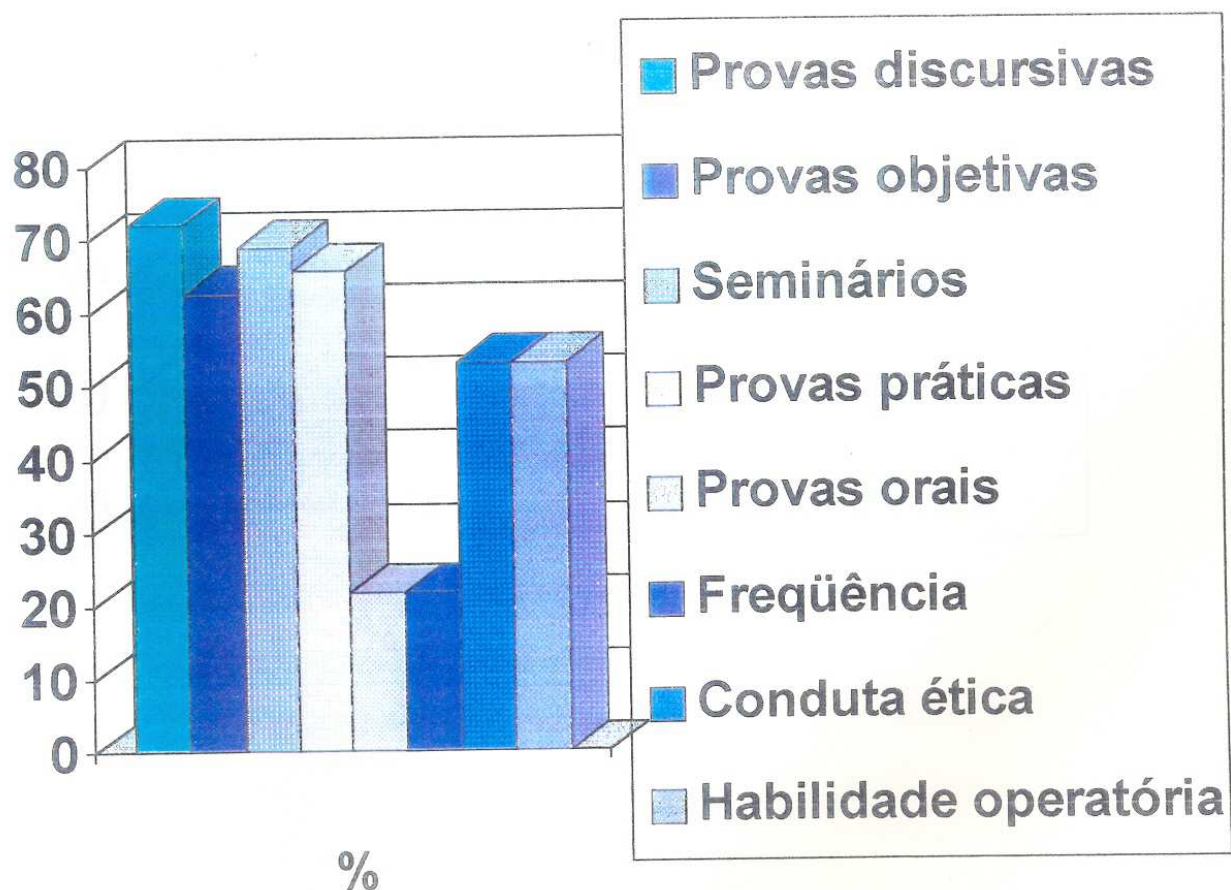
### Quadro III - Técnicas Utilizadas pelos Professores na Avaliação e Conduta

#### Ética

QUESITO	FREQ	%
Provas discursivas	23	71,87
Seminários	22	68,75
Provas práticas	21	65,62
Provas objetivas	20	62,5
Habilidade operatória	17	53,12
Frequência	7	21,87
Provas orais	7	21,87
<b>Conduta ética</b>	<b>17</b>	<b>53,12</b>

#### GRÁFICO III

### TÉCNICAS UTILIZADAS PELOS PROFESSORES NA AVALIAÇÃO E AVALIAÇÃO DA CONDUTA ÉTICA



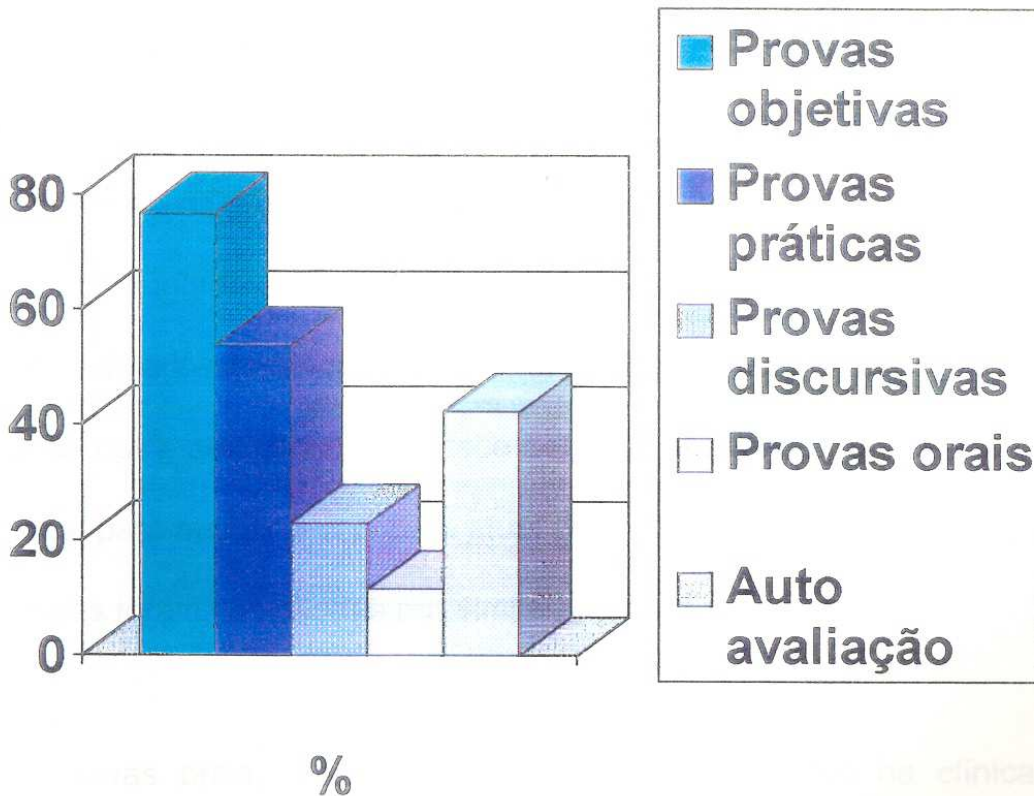
Em contrapartida as respostas dos alunos foram:

Quadro IV - Técnicas Percebidas pelos Alunos nas Avaliações

QUESITO	FREQ	%
Provas objetivas	20	76,92
Provas práticas	14	53,84
Auto-avaliação	11	42,30
Provas discursivas	6	23,07
Provas orais	3	11,53

GRÁFICO IV

TÉCNICAS PERCEBIDAS PELOS ALUNOS NAS AVALIAÇÕES





Pode-se verificar que a maior incidência nas respostas dadas pelos professores foi quanto ao quesito “provas discursivas” — 71,87%. Nas respostas dos alunos, esse item mereceu 23,07% das respostas. É grande a diferença de respostas entre alunos e professores, merecendo, por isso, maior investigação. O item “provas práticas”, apresenta pequena diferença nas respostas dadas por professores e alunos: 65,62% para os primeiros e 53,84% para os segundos. “Provas objetivas” apresenta maior diferença entre as respostas dados por alunos e professores: 62,5% para os primeiros e 76,92% para os segundos. Isto comprova que não há total convergência nos dados e por isso a avaliação realizada pela Clínica Integrada da UTP necessita de modificações. Outras questões consideradas relevantes, foram diferenciadas pelo pesquisador. As questões “conduta ética” e “habilidade operatória, que mereceram 53,12% de respostas, só foram feitas para os professores, assim como o item “seminários” mereceu 68,75%, mas só foi perguntado aos professores. Nos outros itens, houve pouca incidência de respostas, não apresentando maiores motivos de investigação.

Uma outra questão que merece aqui ser analisada, diz respeito a sugestão dos alunos, para melhorar a prática atual de avaliação. Por ser uma questão aberta, as respostas foram compiladas por similaridades, a saber:

- provas orais, discursivas, desempenho do aluno na clínica e provas objetivas;
- provas com questões relacionadas somente a prática que será usada na vida profissional, não provas complicadas (5);

- acompanhamento diário do trabalho do aluno (8);
- não há necessidade de alteração, uma vez que a maneira que está sendo feita é justa e bem aplicada;
- modificar o sistema para fazer o aluno não precisar decorar a matéria;
- maior integração professor/aluno, onde devem ser incluídos o respeito e a ética (5);
- maior carga de conhecimentos científicos por parte dos professores;
- mais seminários;
- diminuir o número de alunos supervisionados por um mesmo professor.

A maior incidência de respostas recaiu sobre o acompanhamento diário das atividades realizadas pelo aluno; a segunda maior incidência diz respeito à integração professor/aluno; a terceira, diz respeito às questões das provas que devem se limitar à prática realizada na Clínica Integrada. As outras questões tiveram apenas uma sugestão. Dois alunos não responderam a essa questão.. É bom lembrar que, segundo CARVALHO (1995, p. 67), o professor deve respeitar a velocidade de aprendizagem do aluno, motivando-o para bem desenvolver suas atividades. Isso é sinal de integração entre professor/aluno.

#### 4.3 - SÍNTESE

Pelo resultado obtido no levantamento dos dados, em que pese as respostas dos professores, pode-se perceber a necessidade de melhoria no sistema de

avaliação empregado na Clínica Integrada da UTP. Um dos motivos que se apresenta, é a discrepância de respostas entre alunos e professores. As sugestões dos alunos também apontam para a necessidade de mudanças, principalmente no que diz respeito ao acompanhamento diários das atividades realizadas pelos alunos. A Clínica Integrada deve ajudar o aluno a se preparar para enfrentar a prática diária de sua futura profissão. Por isso, o sistema de avaliação deve servir para melhorar a sua segurança e auto-confiança nas atividades que desenvolve, pois as situações ali vividas, darão suporte para a futura prática profissional. Para isso, é essencial um bom relacionamento entre professor/aluno, pois é o professor que ajudará o aluno a encontrar os caminhos para superar suas dificuldades.



## 5. PROPOSTA

O levantamento das questões anteriores, confirma que a UTP preocupa-se com a avaliação dos seus alunos da Clínica Integrada. Na verdade, a preocupação com a qualidade da educação, e, por consequência, da avaliação da aprendizagem e do futuro profissional que tratará essencialmente da saúde do ser humano, tem despertado questionamentos em todos os segmentos da educação. Muitas são as vozes que têm se levantado em favor de um ensino melhor para um atendimento as necessidades básicas da população. Prova disso, são os próprios autores citados. Este trabalho, é apenas mais uma tentativa de questionar o tema.

Em muitas escolas, porém, a noção de avaliação tem sido confundida como uma simples medida da aquisição de conhecimentos por parte do aluno. Entretanto, a avaliação pode tornar-se um processo de controle da qualidade do ensino, em prol de uma educação melhor, buscando cada vez mais a melhora das condições do bem estar social, físico e mental das pessoas. Definir a avaliação como simples medida, é enquadrá-la numa visão pequena de educação e educar não pode se restringir ao repassar conhecimentos mas a ajudar na construção de cidadãos atuantes e críticos, prontos para agirem com consciência.

No caso da Clínica Integrada, a avaliação deve servir para ajudar a terminar o preparo do odontólogo para enfrentar sua prática cotidiana. Por isso propomos o que se segue.

## CONCLUSÃO

O presente trabalho mostrou, inicialmente, que a formação do odontólogo deve ser embasada em princípios humanistas, levando-se em consideração que esse profissional exercerá suas atividades relacionadas prioritariamente com os seres humanos. A sociedade, cada vez mais exigente, cobra a qualidade do trabalho universitário, tanto no que concerne às atividades desenvolvidas no interior da instituição, quanto em sua intervenção social, exigindo um profissional competente para atender as necessidades sociais.

Em segundo lugar, o trabalho mostrou a importância da avaliação no processo ensino-aprendizagem, e mais especificamente nas atividades da Clínica Integrada, processo terminal de formação do odontólogo.

Pelo exposto, conclui-se que a prática odontológica desenvolvida na Clínica Integrada é imprescindível para a vivência necessária ao futuro profissional, mas do tipo de avaliação, dependerá sua confiança em si mesmo.

O levantamento dos dados, por meio de instrumento próprio, realizado entre professores e alunos, apresentou algumas discrepâncias entre as respostas e várias concordâncias. Disto conclui-se pode-se alterar itens da avaliação dentro do sistema avaliativo da instituição, objetivando o aprimoramento do processo ensino-aprendizagem, como a proposta em capítulo específico.

Primeiramente é preciso que o avaliador consiga responder às seguintes questões:

- O que é avaliar?
- Por que avaliamos?
- Que uso fazemos dos produtos da avaliação?
- A que perigos se expõe o avaliador?
- Quais são as qualidades e competência do bom avaliador?
- Quais são as principais regras do jogo, quando quem está envolvido é um ser humano?

O avaliador deve entender o ato de avaliar como um juízo que ele fará sobre determinada realidade, neste caso, o desempenho do aluno da Clínica Integrada.

À segunda questão ele deverá responder, primeiramente, que avalia para verificar sua própria capacidade de ensinar, e, em segundo lugar, para interpretar o conhecimento adquirido pelo aluno, conhecimento este que será para atender pessoas da população, muitas vezes comprometidas em sua própria qualidade de vida.

Os produtos da avaliação devem contribuir para o desenvolvimento individual do aluno, não só técnico-cientificamente, mas humanamente, bem como do próprio funcionamento da Clínica Integrada.

Para bem avaliar o avaliador deve saber escapar de perigos como objetivismo exagerado (interpretar a resposta do aluno); autoritarismo (observação centrada na nota, avaliar apenas para cumprir determinações burocráticas,



classificar os alunos como mais inteligentes ou menos inteligentes, cumprir a programação preestabelecida, reproduzir o próprio pensamento e dos autores que adota, disciplinar o aluno, fiscalizar o aluno); e do tecnicismo (utilizar somente provas e testes nos quais não caibam o subjetivismo).

Para isso, é preciso que ele tenha competências como: saber situar-se; saber determinar objetivos; saber utilizar normas, critérios e instrumentos; saber observar, comunicar-se e interpretar.

As principais regras do jogo são medir, fazer apreciação e interpretar.

Em segundo lugar o avaliador deve ter em mente os princípios da avaliação, a saber:

- a) esclarecer inicialmente o que vai ser avaliado;
- b) selecionar os instrumentos de avaliação em função dos objetivos;
- c) considerar as virtudes e limitações dos instrumentos de avaliação empregadas;
- d) admitir uma variedade de instrumentos para assegurar uma avaliação compreensiva;
- e) considerar a avaliação como um meio e não como um fim.

Em terceiro lugar, definir as normas e os critérios que vai utilizar.

O avaliador deverá medir o rendimento do aluno descrevendo quantitativamente atributos (usando medidas) ou descrevendo qualitativamente atributos (sem usar medidas), isto é, usando normas e critérios.

Para medir, o avaliador utilizará símbolos a dimensões que diferenciem e classifiquem os indivíduos com relação a comportamentos ou características específicos, conforme as normas e critérios utilizados pela UTP.

Entretanto, a medida deve resguardar o significado de um indicador de acertos e erros, segundo as normas e critérios preestabelecidos e que na Clínica Integrada da UTP são os seguintes:

- a) pelos procedimentos práticos executados;
- b) através de avaliações teóricas, bimestrais;
- c) sob conceito, englobando sua conduta, interesse, conhecimento, apresentação, assiduidade, cuidado com equipamento, habilidade.

Nesses critérios, estão implícitos o cotidiano do aluno em sala de aula: sua relação com o professor e com os colegas, sua participação nas aulas, etc.; o acompanhamento individualizado das atividades do aluno; os materiais programados como provas objetivas, subjetivas ou discursivas; relação professor/aluno; nível de confiança que o aluno tem em si mesmo. A avaliação deverá ser capaz de ajudar o aluno a adquirir confiança em si mesmo.

Em quarto lugar o avaliador deverá escolher os instrumentos que utilizará para avaliar seu aluno.

Para a Clínica Integrada, o avaliador deverá utilizar três tipos de instrumentos: instrumentos destinados à orientação dos alunos, quais sejam: os testes, provas, pesquisa individual ou em grupos; os instrumentos destinados a facilitar a regulação da aprendizagem, como entrevistas e diálogos; e os

instrumentos de certificação, que nada mais são do que a observação diária das atividades práticas desenvolvidas tanto em laboratório como em paciente.

Os testes e provas devem conter questões objetivas, subjetivas, discursivas e práticas. Entretanto, não devem servir de instrumentos complicadores e sim facilitadores da aprendizagem, sem precisar levar o aluno a decorar a matéria e sim, a compreendê-la. As pesquisas devem ser acompanhadas de relatório, devendo ser observado o objetivo a que se destinam.

As entrevistas e diálogos devem ser acompanhadas de respeito mútuo, amizade e ética.

A observação diária do desempenho do aluno, deve envolver:

- acompanhamento da evolução do aluno;
- atendimento das necessidades do aluno;
- habilidade operatória;
- atividades práticas;
- respeito aos horários;
- comportamento do aluno
- saber ouvir e acatar as sugestões e opiniões dos alunos.

Entretanto, de nada servirão tais instrumentos se não houver unanimidade entre a equipe pedagógica. A utilização de normas, critérios e instrumentos, em que pese a subjetividade de cada um, deve ser utilizada igualmente entre supervisores e professores da Clínica Integrada. Como conseguir a unanimidade? Por meio de



reuniões nas quais se discutam exaustivamente as normas, critérios e instrumentos e os destinos a eles dados.

A ficha abaixo é um exemplo dos itens a serem observados para uma avaliação abrangente:



## CONCLUSÃO

O presente trabalho mostrou, inicialmente, que a formação do odontólogo deve ser embasada em princípios humanistas, levando-se em consideração que esse profissional exercerá suas atividades relacionadas prioritariamente com os seres humanos. A sociedade, cada vez mais exigente, cobra a qualidade do trabalho universitário, tanto no que concerne às atividades desenvolvidas no interior da instituição, quanto em sua intervenção social, exigindo um profissional competente para atender as necessidades sociais.

Em segundo lugar, o trabalho mostrou a importância da avaliação no processo ensino-aprendizagem, e mais especificamente nas atividades da Clínica Integrada, processo terminal de formação do odontólogo.

Pelo exposto, conclui-se que a prática odontológica desenvolvida na Clínica Integrada é imprescindível para a vivência necessária ao futuro profissional, mas do tipo de avaliação, dependerá sua confiança em si mesmo.

O levantamento dos dados, por meio de instrumento próprio, realizado entre professores e alunos, apresentou algumas discrepâncias entre as respostas e várias concordâncias. Disto conclui-se pode-se alterar itens da avaliação dentro do sistema avaliativo da instituição, objetivando o aprimoramento do processo ensino-aprendizagem, como a proposta em capítulo específico.



Toda prática escolar, deve obedecer normas, critérios e regulamentos estabelecidos pela instituição. Entretanto, é preciso que professores, coordenadores e supervisores, tenham conhecimento científico para opinar e propor modificações quando se fizerem necessárias.

A proposta aqui contida, é um exemplo do procedimento que pode ser adotado. A mudança propriamente dita, dependerá do esforço de todos e principalmente na crença de que é preciso sempre investir em novas alternativas, se se quer um ensino com qualidade e um profissional para atuar com competência, lembrando-se dos valores éticos e morais acima de tudo.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ASMANN, Hugo. **Novas metáforas para reencantar a educação; epistemologia e didática.** Piracicaba SP : UNIMEP, 1996.
- BARROS, Olavo Bergamaschi. **A eficiência ou rendimento e a filosofia correta do trabalho em odontologia.** São Paulo : Pancast, 1991.
- BRASIL. **Documenta.** Brasília, set. 1982, p. 155-169.
- CARVALHO, Cesar Perri de. **Educação & saúde em odontologia : Ensino da prática e prática do ensino.** São Paulo : Santos, 1995.
- CARVALHO, José Jackson Carneiro de. **Universidade em Debate.** João Pessoa: Edições GRAFSET, 1988.
- CASSIMIRO, Maria do Rosário et. al.. **Universidade Oportuna: Reflexões sobre a Universidade e seu Envolvimento com a Comunidade.** Goiânia: Edit. UFG, 1983. p. 15-65.
- CIEE. Centro de Integração Empresa/Escola. **Estágio.** (Folheto).
- COSTA, Marisa C. Vorraber. **A dissociação entre teoria e prática na formação do professor : examinando seu significado.** (fotocópia).
- DARUGE, Eduardo & MASSINI, Nelson. **Direitos profissionais na odontologia.** São Paulo : Saraiva, 1978.
- DEMO, Pedro. **Desafios modernos da educação.** Petrópolis RJ: Vozes, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Educação e qualidade.** Campinas, SP : Papirus, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Educar pela pesquisa.** Campinas, SP : Autores Associados, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Pesquisa: princípio científico e educativo.** São Paulo : Cortez, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Pesquisa e construção do conhecimento : metodologia científica no caminho de Habermas.** Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1994.

\_\_\_\_\_. **O significado da modernidade em sala de aula** : de ritos e mitos do ensino superior. Brasília : IPEA/CPS, 1991.

DRUCKER, Peter F. **A ascensão da sociedade do conhecimento**. Dialogo, nº 3 Vol. 27, 1994. p. 13-18.

GUDSDORF, Georges. **Professores Para Quê? Para Uma Pedagogia da Pedagogia**. São Paulo: Martins Fontes Editora. 1987.

FÁVERO, Maria de Lourdes de A. **A universidade em busca de sua identidade**. Petrópolis RJ : Vozes, 1977.

FERGUSON, Marilyn. **A conspiração aquariana**. 7. ed. Rio de Janeiro : Record, 1992.

HADJI, Charles. **A avaliação; regras do jogo** : Das intenções às regras do jogo. Porto (Portugal) : Porto Editora, 1994.

HESBURG, Theodore. **A Relevância dos Valores no Ensino Superior**. Brasília: Ed. UnB. 1979. P. 152-164.

IANNI, Octávio. **O labirinto americano**. Petrópolis RJ : Vozes, 1993.

KERR, Clark. **Os Usos da Universidade**. (trad. Débora C. D. Soares). Fortaleza: UFC, 1982.

KINCHELOE, Joel L. **A formação do professor como compromisso político**. 2. ed. São Paulo : Cortez, 1991.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem escolar** : estudos e proposições. São Paulo : Cortez, 1995.

\_\_\_\_\_. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 4. ed. São Paulo : Cortez, 1996.

MELLO, Guiomar Namó. **Cidadania e competitividade** : desafios educacionais do terceiro milênio. São Paulo : Cortez, 1993.

MIZUKAMI, M. da G. N. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo : EPU, 1985.

MOURA, Elaine Maria Salies Landell. **Um projeto pedagógico de escola construído em parceria**. (fotocópia).



- NÉRICI, Imideo G. **Metodologia do Ensino Superior**. Rio de Janeiro: Edit. Fundo de Cultura . 2. ed. 1973 p 15-37.
- OTT, Margot Bertolucci, WORTMANN, Maria Lucia Castagna & MORAES, Vera Regina Pires. **Buscando referenciais para o estágio curricular**. (fotocópia).
- PAOLI, Niuvenius J. **Elementos para uma proposta de padrão de trabalho em nível de graduação** : ensino com pesquisa. Campinas, SP: UNICAMP, 1994. Digitado.
- PATTO, Maria Helena de Souza. **Introdução à psicologia escolar**. São Paulo : T.A. Queiroz, 1991.
- PINTO, Álvaro Vieira. **A questão da universidade**. São Paulo : Cortez, 1986.
- SANT'ANA, Ilza Martins. **Porquê Avaliar**. Petrópolis RJ : Vozes, 1995.
- SAUL, Ana Maria. Avaliação emancipatória : uma abordagem crítico-transformadora. **Tecnologia Educacional**. V. 21 - jan/fev., 1992, p. 24/31.
- SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica** : Primeira aproximações. 5. ed. Campinas (SP): Autores Associados, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Educação : do senso comum à consciência filosófica**. São Paulo : Cortez, 1980.
- SCHMITZ, Egídio F. **Caminhos da Universidade Brasileira: Filosofia do Ensino Superior**. Porto Alegre: Sagra, 1984. P. 162-186.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da . **Magistério e mediocridade**. São Paulo : Cortez, 1995.
- SILVA, Elvira Maria Caldas da & MINELLI, Claudio José. Método de avaliação de alunos durante a realização de trabalhos clínicos. **Revista da Faculdade de Odontologia de Ribeirão Preto**. Vol. 20, nº 2, jul/dez, 1983, p. 73-77.
- \_\_\_\_\_. Metodologia de ensino aplicada à clínica integrada da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Ribeiro (USP), no ano letivo de 1981, **Revista da Faculdade de Odontologia de Ribeirão Preto**. Vol. 19, nº 1, jan/jun, 1982, p. 55-67.
- SOEIRO, Leda & AVELINE, Suelly. **Avaliação Educacional**. Porto Alegre : Sulina, 1982.
- SORDI, Mara Regina de. **A prática de avaliação no ensino superior** : uma experiência na enfermagem. São Paulo : Cortez: Campinas, SP : PUCCAMP, 1995.

SOUZA, Paulo Nathanael P. **Estrutura e funcionamento do ensino superior brasileiro**. São Paulo : Pioneira, 1991.

UTP. **Clínica integrada** : normas procedimentais. Curitiba PR, 1997.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Concepção dialético-libertadora do processo de avaliação escolar**. São Paulo : Libertad, 1994.

VAHL, Teodoro Rogério. **Desafios da administração universitária**. Florianópolis, UFSC., 1989.

VEIGA, Ilma P. A. (org.). **Técnicas de ensino** : Por que não? Campinas (SP) : Papirus, 1991.

ção, temos  
ritário.

## ANEXOS

ca, indiferença,



## ANEXO 1 : QUESTIONÁRIO

A fim de contribuir para a melhoria da nossa atual prática de avaliação, temos interesse em saber **como o aluno a percebe ao longo de seu curso universitário**. Solicitamos sua colaboração respondendo criteriosamente o que se pede.

### 1) *Concepção de avaliação pelo aluno:*

Assinale todos os itens que julgar pertinentes à concepção de avaliação que V. tem

- Comprovação, *para o aluno*, de seu progresso
- Verificação centrada na nota
- Desforra do professor
- Cumprimento de requisito burocrático
- Manifestação de autoridade do professor
- Decisão do destino do aluno
- Oportunidade para aprender
- Memorização e esforço
- Classificação dos alunos
- Parte natural do dia-a-dia do ensino
- Acompanhamento da evolução do aluno
- Respeito / consideração pelo aluno
- Parada para verificação, *pelo e para o professor*, do andamento dos estudos
- Compromisso agendado
- Instrumento auxiliar do ensino
- Julgamento do aluno
- Diálogo com o professor
- Reprodução do pensamento do professor e dos autores adotados
- Ritual disciplinador
- Verificação do desempenho *global* do aluno
- Arbitrariedade e subjetividade do professor
- Participação do aluno no processo decisório
- Fiscalização do professor
- Atendimento a necessidades do aluno
- Tentação da cola
- Sentimentos aversivos (medo, ansiedade, frustração, injustiça, indiferença, descrença)
- Relacionamento positivo professor -aluno
- Compromisso sério com a aprendizagem

2) *Instrumentos de avaliação (forma) predominantes no curso:*

- Prova com questões objetivas
- Prova com questões subjetivas
- Prova discursiva
- Prova prática
- Pesquisa individual sem elaboração de relatório
- Pesquisa em grupo sem elaboração de relatório
- Pesquisa individual com elaboração / apresentação de relatório
- Pesquisa em grupo com elaboração / apresentação de relatório
- Produção de texto próprio relacionado com os tópicos de estudo
- Seminário
- Auto-avaliação
- Instrumental conforme a sistemática de avaliação proposta e aprovada pelo grupo
- Outras (Indique)

3) *Instrumentos de avaliação predominantes na clinica integrada:*

- Provas objetivas
- Provas práticas
- Provas discursivas
- Provas orais
- Auto-avaliação

4) *Você acha importante para a sua formação ser avaliado em que itens :*

- Acompanhamento diário do meu trabalho
- provas objetivas mensais
- habilidades
- instrumental
- horário
- respeito com o próximo (colegas, professores, funcionários, pacientes)
- Amizade com os professores
- conhecimento teórico-científico

5) *Que é necessário para melhorar a prática de avaliação atual?*

---

---

---

---

---

## ANEXO II : QUESTIONÁRIO

Com o objetivo de contribuir para a melhoria da avaliação da Clínica Integrada do curso de odontologia temos interesse em saber como os professores avaliam os seus alunos.

Solicitamos sua colaboração respondendo criteriosamente o que se pede.

### 1) *Como os professores avaliam os seus alunos da Clínica Integrada?*

(não é necessário a sua identificação, este documento tem caráter sigiloso)

- Auto-avaliação
- Amizade
- Atividades práticas diárias
- Habilidade operatória
- Conhecimento técnico-científico
- Respeito com o professor
- Respeito com os colegas
- Atenção ao paciente
- Horário
- Instrumental
- Comportamento
- Indumentária
- Provas orais
- Provas escritas discursivas
- Provas objetivas
- Seminários
- Trabalhos de pesquisa
- Formação cultural
- Formação Moral
- Formação humana
- Conduta ética

### 2) *Você ministra aulas para os alunos durante os primeiros anos do curso?*

sim                       não

*Se respondeu sim, como você avalia os seus alunos?*

- provas discursivas
- provas objetivas
- seminários
- provas práticas



- provas orais
- frequência
- conduta ética
- habilidade operatória

3) *Você se considera durante a graduação um professor:*

- disciplinador
- amigo dos alunos
- auxiliar na formação do ser humano
- indispensável para o aprendizado
- detentor do saber
- facilitador do processo ensino-aprendizagem
- Rígido porém justo

4) *O que você sugeriria como instrumento de avaliação para os Futuros Colegas de Profissão que tem um relacionamento direto com a saúde da população?*

---

---

---

---

---

---

---

---